



## **PROJETO DE GRADUAÇÃO**

**Estudo dos pilares de ESG - *Environmental, Social and Governance* – no contexto das empresas brasileiras.**

**Por,**

**Juliana Finageiv Neder**

**Brasília, 23 de maio de 2022**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Tecnologia  
Curso de Graduação em Engenharia de Produção

PROJETO DE GRADUAÇÃO

**Estudo dos pilares de ESG - *Environmental, Social and Governance* – no contexto das empresas brasileiras.**

POR,

**Juliana Finageiv Neder**

Relatório submetido como requisito parcial para  
obtenção do grau de Engenheiro de Produção

**Banca Examinadora**

Prof. Anníbal Affonso Neto, UnB/ EPR  
(Orientador)

---

Prof. Roberth Andrés Villazón Montalván,  
Università degli Studi di Roma Tor Vergata  
(Coorientador),

---

Prof. Paulo Celso dos Reis Gomes, UnB/ EPR

---

Brasília, 23 de maio de 2022

## RESUMO

O termo ESG - sigla em inglês para as palavras “ambiental, social e governança (corporativa)” - corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização. Principalmente nos últimos anos, o termo tem ganhado especial atenção devido à um movimento crescente da sociedade e dos investidores por mais transparência e compromisso das empresas em relação às suas responsabilidades sociais e suas governanças corporativas. Contudo, apesar dessa popularização, a identificação de boas práticas ESG ainda é bastante restrita ao julgamento de cada empresa. O estudo em questão buscou então avaliar o grau de aderência das empresas brasileiras em relação às práticas de sustentabilidade no que diz a respeito dos três principais pilares do ESG a partir da percepção de profissionais que atuam nessas empresas. Utilizou-se a metodologia de pesquisa descritiva com instrumento de coleta um formulário do *Google Forms* para consolidação dessa análise. Ao final do estudo, é possível entender as boas práticas mais presentes e as menos presentes dentro das organizações, além de alguns exemplos práticos de empresas renomadas no Brasil. Ademais, é possível identificar os pilares ESG mais fortes e onde ainda tem espaço de melhoria dentro das empresas brasileiras respondentes. O estudo em questão ainda comparou os resultados com outros estudos que trouxeram visões semelhantes para maior aprofundamento nas discussões.

Palavras-chaves: ESG, ambiental, social e governança (corporativa), ASG, sustentabilidade, boas-práticas.

## **ABSTRACT**

The term ESG - an acronym for the words "environmental, social and governance (corporate)" - corresponds to an organization's environmental, social and governance practices. Especially in recent years, the term has gained special attention due to a growing movement of society and investors for more transparency and commitment of companies in relation to their social responsibilities and their corporate governance. However, despite this popularization, the identification of good ESG practices is still quite restricted to the judgment of each company. The study in question then sought to assess the degree of adherence of Brazilian companies in relation to sustainability practices with regard to the three main pillars of ESG from the perception of professionals who work in these companies. A descriptive research methodology was used with a collection instrument, a Google Forms form to consolidate this analysis. At the end of the study, it is possible to understand the most present and least present good practices within organizations and some practices applied in popular Brazilian companies. In addition, it is possible to identify the strongest ESG pillars and where there is still room for improvement within the respondent Brazilian companies. The study in question also compared the results with other studies that brought similar views for further discussion.

Keywords: ESG, environmental, social and (corporate) governance, sustainability, good practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Resultado de Pesquisa da PwC de junho de 2021 .....	18
Figura 2: Gráfico da quantidade de pesquisas na internet por assuntos relacionados a ESG.....	19
Figura 3: Desdobramento do construto sustentabilidade nos pilares ESG .....	31
Figura 4: Agrupamento dos setores e médias das notas .....	44
Figura 5: Tipo de Controle da Empresa das Empresas Respondentes .....	45
Figura 6: Tipo de Mercados Atendidos das Empresas Respondentes .....	46
Figura 7: Tipo de Atividade Principal das Empresas Respondentes .....	46
Figura 8: Quantidade de Empregados das Empresas Respondentes .....	47
Figura 9: Receita Operacional Bruta Anual das Empresas Respondentes .....	47
Figura 10: Região da sede no Brasil das Empresas Respondentes .....	48
Figura 11: Engajamento das Empresas Respondentes com práticas de Responsabilidade Social Empresarial .....	49
Figura 12: Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 9001 .....	49
Figura 13: Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 14001 .....	50
Figura 14: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “E” .....	51
Figura 15: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “E” .....	53
Figura 16: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “E” .....	54
Figura 17: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “E” .....	55
Figura 18: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “S” .....	56
Figura 19: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “S” .....	59
Figura 20: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “S” .....	60
Figura 21: Desvio Padrão das Assertivas Relacionadas ao pilar “S” .....	61
Figura 22: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “G” .....	62
Figura 23: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “G” .....	64
Figura 24: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “G” .....	65
Figura 25: Desvio Padrão das Assertivas Relacionadas ao pilar “G” .....	66
Figura 26: Resumo da Média, Moda, Mediana e Desvio Padrão de cada pilar ESG .....	67

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Desempenho médio ambiental, social e de governança corporativa, por setores .....	41
Tabela 2: Desempenho médio ambiental, social e de governança corporativa, por setores do estudo de QUIRÓS et al. (2018) e do presente estudo .....	43
Tabela 3: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “E” .....	54
Tabela 4: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “S” .....	60
Tabela 5: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “G” .....	65
Tabela 6: Assertivas com as Maiores Médias .....	69
Tabela 7: Assertivas com as Menores Médias .....	70
Tabela 8: As assertivas com Menores Desvio-Padrão .....	70
Tabela 9: Assertivas com os Maiores Desvio-Padrão .....	71

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Empresas da carteira de 2021 do ISE B3 .....	35
--	----

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. Problemática .....	9
1.2. Objetivo geral .....	11
1.3. Objetivos específicos .....	11
1.4. Justificativa.....	11
1.5. Resultados esperados.....	12
2. REVISÃO TEÓRICA.....	12
2.1. Desenvolvimento Sustentável e a Importância para as Empresas .....	12
2.2. ESG.....	15
2.3. E – <i>Environmental</i> (Ambiental).....	21
2.4. S – <i>Social</i> (Social) .....	22
2.5. trG – <i>Corporate Governance</i> (Governança Corporativa).....	23
2.6. <i>Global Reporting Initiative</i> (GRI) e Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) .....	24
3. METODOLOGIA .....	27
3.1. Modelo de Pesquisa.....	27
3.1.1. Escala Utilizada no Questionário .....	28
3.1.2. Descrição do Questionário .....	30
3.1.2.1. Parte 1: Perfil da Empresa .....	32
3.1.2.2. Parte 2: Práticas “Ambiental”.....	32
3.1.2.3. Parte 3: Práticas “Social”.....	32
3.1.2.4. Parte 4: Práticas “Governança (Corporativa)” .....	33
3.2. Método de Análise.....	33
3.3. Limitações da Metodologia.....	33
4. ESG/SUSTENTABILIDADE NAS EMPRESAS BRASILEIRAS .....	35
5. ANÁLISE DOS DADOS .....	45
5.1. Parte 1: Perfil da Empresa .....	45
5.2. Parte 2: Práticas “Ambiental” .....	51
5.3. Parte 2: Práticas “Social”.....	56
5.4. Parte 4: Práticas “Governança (Corporativa)” .....	62
5.5. Considerações Finais.....	67
6. CONCLUSÃO .....	71
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	73



# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. Problemática

Segundo FRIEDMAN (1970), a principal responsabilidade de uma empresa é maximizar o retorno aos acionistas. Sendo assim, durante décadas, as responsabilidades ambientais, sociais e de governança (ESG) não foram consideradas relevantes pela maioria das empresas que focavam na maximização dos lucros, pois não só se acreditava que as responsabilidades ESG simplesmente não incidiam sobre o desempenho financeiro, mas também eram percebidas como um fardo potencial para este último, estando relacionadas assim aos aumentos de custos (BILLIO et al., 2020). No entanto, nas últimas duas décadas, uma consciência crescente sobre as mudanças climáticas e os problemas ambientais influenciaram a opinião pública e instou governos e empresas a integrarem esses aspectos em suas decisões regulatórias e em suas estratégias empresariais (BILLIO et al., 2020). Ao mesmo tempo, as questões sociais e de governança também se tornaram mais prementes com a crise financeira global e após várias divulgações corporativas que afetaram negativamente suas imagens (MONEY e SCHEPERS, 2007, p. 2). Sendo assim, mudanças climáticas, esgotamento de recursos naturais, más condições de trabalho e escândalos corporativos têm “aumentado as expectativas da sociedade em relação as responsabilidades ambientais, sociais e éticas das empresas” (MONEY E SCHEPERS, 2007, p. 2). Ademais, diversos estudos revelaram que as questões ambientais, sociais e de governança impactam positivamente o resultado financeiro das empresas (FATEMI et al., 2018; YOON et al., 2018; ZHAO et al., 2018). Sendo assim, diversos investidores e fundos de investimento também passaram a olhar com mais cautela para esses critérios na hora de decidirem onde investir. É importante ressaltar que a pandemia da COVID-19 também teve especial influência na propagação e no aumento da preocupação da sociedade com as responsabilidades das empresas com as práticas ESG. Um estudo da PWC de junho de 2021 (PWC GLOBAL, 2021a) mostrou que a maioria dos consumidores e dos funcionários disseram que são mais propensos a comprar ou trabalhar para empresas que compartilham seus valores entre os vários elementos do ESG. Desse modo, importantes *stakeholders* para as companhias começaram a pressionar as empresas por mais transparência e medidas ESG.

Embora o investimento socialmente responsável (SRI) - prática de integrar critérios de sustentabilidade na análise de investimentos - exista desde muito antes de se falar em ESG, apenas recentemente, ele experimentou um aumento considerável de interesse e se tornou uma preocupação geral, em vez de uma prática de investimento de nicho (BILLIO et al., 2020). Conseqüentemente, um número crescente de fundos foi criado para empresas que possuíam reconhecimento em práticas ESG. De acordo com o Fórum para o Investimento Sustentável e Responsável (USSIF), os investimentos sustentáveis e responsáveis nos Estados Unidos cresceram mais de 38% no período 2016–18 (USSIF et al., 2018). Ademais, segundo estudo feito pela Morningstar (apud PACTO GLOBAL, 2021), a pedido da Capital Reset, no Brasil, fundos ESG captaram R\$ 2,5 bilhões em 2020, sendo que mais da metade da captação veio de fundos criados nos últimos 12 meses.

Atualmente, quem decide se uma companhia é reconhecida com práticas ESG são os fundos de investimento, bolsas de valores, como a B3, e consultorias que produzem índices de ações. Sendo assim, existem várias boas práticas que as empresas precisam adotar para conseguirem entrar em fundos ESG e receber o devido reconhecimento. Entretanto, essas práticas não são exatas e não existe uma lista de ações claras que as empresas precisam cumprir para ganhar o reconhecimento. Dado que a divulgação de ESG é um subconjunto de informações não financeiras, suas práticas não seguem um formato padronizado como no caso de informações financeiras (ELZAHAR et al., 2015). Dessa forma, não ficam claras as ações que as empresas precisam cumprir para serem reconhecidas nos três âmbitos – ambiental, social e de governança. Além disso, com a crescente demanda por relatórios ESG, diversas empresas começaram a usar, além dos métodos convencionais de fazer tais divulgações sobre suas práticas sustentáveis – como os relatórios do *Global Reporting Initiative* (GRI) - mais métodos não tradicionais, incluindo sites e mídias sociais para relatar suas práticas ESG (EBERLE et al., 2013). Diante dessa divergência de relatórios e informações não existem muitos estudos trazendo uma visão geral e o contexto das empresas brasileiras dentro desses três pilares.

## **1.2. Objetivo geral**

Avaliar o grau de aderência das empresas brasileiras em relação às práticas de sustentabilidade no que diz respeito aos três principais pilares do ESG: ambiental, social e governança, a partir da percepção de profissionais que atuam nessas empresas.

## **1.3. Objetivos específicos**

- Desenvolver um estudo com base nos principais relatórios e índices de desenvolvimento sustentável de boas práticas de ESG;
- Avaliar a percepção do nível de aderência das empresas brasileiras com as práticas de ESG definidas no projeto;
- Entender a percepção do contexto de ESG dentro das empresas brasileiras com base na amostra da pesquisa aplicada;
- Entender quais práticas de ESG estão mais presentes e menos dentro das empresas brasileiras da amostra;
- Ter um panorama geral das empresas brasileiras da amostra em relação ao quão envolvidas e maduras elas estão com os temas de ESG.

## **1.4. Justificativa**

Percebe-se cada vez mais a necessidade de adoção de boas práticas de sustentabilidade dentro das empresas. Consumidores e investidores procuram entender as questões ambientais das empresas antes de adquirir um produto/serviço ou fazer um investimento. Dessa forma, a sustentabilidade se mostrou bastante presente dentro das principais discussões estratégicas das empresas. Entretanto temas como diversidade e inclusão também têm ganhado bastante espaço e atualmente as empresas estão sendo bastante cobradas em relação às suas responsabilidades sociais e suas governanças corporativas. Dessa forma, as responsabilidades social, ambiental e a governança vêm alterando o modo como os negócios são conduzidos e as decisões de investimento tomadas. O termo ESG se popularizou para consolidar o entendimento das práticas relacionadas ao meio ambiente, à sociedade e a à governança corporativa dentro

das empresas. Principalmente nos últimos anos, o termo tem ganhado especial atenção devido à um movimento crescente da sociedade e dos investidores por mais transparência e compromisso das empresas em relação às suas responsabilidades sociais e suas governanças corporativas. Contudo, apesar dessa popularização, a identificação de boas práticas ESG ainda é bastante restrita ao julgamento de cada empresa. Além disso, a divulgação de informações não-financeiras acaba sendo mais complexa e subjetiva e conseqüentemente mais difícil de comparar entre as empresas. E com base nessa realidade, o presente estudo buscou tangibilizar as boas práticas de ESG e analisar a percepção do cenário das empresas brasileiras em relação às práticas ESG.

### **1.5. Resultados esperados**

- Agrupar as principais práticas relacionadas à cada pilar ESG;
- Identificar dentro da pesquisa aplicada qual o pilar ESG apresentou maior grau de maturidade dentro das empresas respondentes, assim como o pilar com menor grau de maturidade;
- Identificar as práticas mais presentes e menos presentes dentro das empresas respondentes;
- Identificar as práticas ESG com maiores graus de concordância dentre os respondentes, assim como as assertivas com menores graus de concordância.

## **2. REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1. Desenvolvimento Sustentável e a Importância para as Empresas**

A partir da década de 1960, diversos movimentos e estudos começaram a surgir alertando sobre os riscos ambientais provenientes do acelerado crescimento econômico da época. Desde então, esses riscos têm sido investigados de forma a movimentar uma série de discussões internacionais sobre o equilíbrio entre o meio ambiente, a sociedade e a economia (GEISSDOERFER et al., 2017). Apesar disso, o termo “desenvolvimento sustentável” só foi discutido pela primeira vez em 1980 no documento da Estratégia Mundial para a Conservação (WCS, 1980) elaborado pela União Internacional para Conservação da Natureza (UICN).

Esse documento foi extremamente importante, uma vez que nele foi enfatizado a ideia de que ao invés de conservação e desenvolvimento serem atividades mutuamente exclusivas, como geralmente se argumentava até então, elas são interdependentes (HARDING, 2006). Sendo assim, o documento focava em questões de integridade ambiental, expressando a importância dos pilares social, ambiental e econômica para o alcance de um crescimento mais sustentável da economia e da sociedade através da conservação dos recursos vivos. Apesar de ter sido a primeira vez que se falava de um desenvolvimento econômico levando em conta a sustentabilidade, o termo “desenvolvimento sustentável” só foi de fato definido alguns anos depois.

Foi então apenas em 1988 que se publicou no documento “Nosso Futuro Comum” da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (WCED), também conhecido por Relatório *Brundtland*, uma das definições mais utilizadas e difundidas sobre desenvolvimento sustentável que conceitua o termo como (GRAY E MILNE, 2002):

[...] um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender as necessidades e aspirações humanas. (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988, p.49).

Essa definição deixa claro que um dos princípios básicos da sustentabilidade é a necessidade da visão de longo prazo. O desenvolvimento sustentável é aquele que:

[...] atende às necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades. (WCED, 1987).

Sendo assim, o foco passa a ser as consequências das ações humanas hoje para as gerações futuras.

Desde então, o termo desenvolvimento sustentável ganhou diversos conceitos. Vários autores comentam inclusive da dificuldade na formulação de uma definição única e consensada do que vem a ser desenvolvimento sustentável, havendo apenas a concordância sobre a necessidade de reduzir a poluição

ambiental, eliminar os desperdícios e diminuir o índice de pobreza mundial (BARONI, 1992). Apesar das diferentes definições, a disseminação desse conceito levou às instituições a refletirem sobre o direcionamento de seus investimentos e os impactos sociais e ambientais gerados (BRÜSEKE, 1998). Ademais, a inserção desse conceito nas organizações recebeu especial atenção quando John Elkington (1998) trouxe o termo *Triple Bottom Line* (TBL) (ORSIOLLI E NOBRE, 2016), ou tripé da sustentabilidade, direcionando as empresas para uma relação consistente com os três pilares: econômico, ambiental e social e não apenas um pilar de foco em lucratividade (econômico) (ELKINGTON, 1998). Conforme ELKINGTON (1998) e ROCHA et al. (2015), as três dimensões das empresas precisam estar conectadas de forma que no aspecto econômico há a necessidade da preservação da lucratividade da empresa, no aspecto social deve-se considerar as partes interessadas e encontrar um equilíbrio entre as organizações e os *stakeholders*, enquanto no aspecto ambiental deve-se utilizar os recursos naturais desde que não prejudique as próximas gerações. Essa visão contribuiu ainda mais para a ampla difusão do termo e seus entendimentos mais contemporâneos (GEISSDOERFER et al., 2017).

Com toda a disseminação do conceito e de estudos sobre a importância de uma melhor equação entre o homem e o planeta, a sustentabilidade foi fortemente institucionalizada nas agendas dos formuladores de políticas e conseqüentemente houve um fenômeno global influenciando as empresas a adotarem práticas sustentáveis - especificamente, quando o conceito de desenvolvimento sustentável é aplicado às empresas, ele é denominado responsabilidade social corporativa (RSC) e implica a incorporação dos objetivos de igualdade social, eficiência econômica e desempenho ambiental nas práticas operacionais da empresa (LABUSCHAGNE et al., 2005)

Organizações internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e as agências da Organização das Nações Unidas (ONU), como a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e o programa Pacto Global incentivaram as empresas a adotarem códigos de conduta e princípios relacionados à preservação do meio ambiente, a melhoria das condições de trabalho e o respeito aos direitos humanos (GARCIA e ORSATO, 2020). Em 2015, por exemplo, a ONU lançou a Agenda 2030 na qual os países comprometeram-se a tomar medidas ousadas e transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável nos

próximos 15 anos e que apesar de ser uma iniciativa mais global traz uma grande responsabilidade direta para as empresas.

Além das exigências globais por mais medidas sustentáveis, a consciência pública sobre o papel das empresas na sociedade, assim como o interesse por questões sociais, ambientais e éticas também cresceu consideravelmente (REVERTE, 2009). Mudanças climáticas, esgotamento de recursos naturais, más condições de trabalho e escândalos corporativos têm “aumentado as expectativas da sociedade em relação as responsabilidades ambientais, sociais e éticas das empresas” (MONEY e SCHEPERS, 2007, p. 2). Isso levou a uma ênfase crescente nas responsabilidades sociais corporativas das empresas.

Segundo MOTA e DINIS (2005), uma empresa que não implementa os princípios RSC, dificilmente conseguirá estar na linha de frente, seja em termos de rentabilidade financeira ou seja em termos de imagem institucional, uma vez que os *stakeholders* estão cada vez mais exigentes em relações à essas práticas. Ademais, muitos autores defendem que a competitividade das empresas está cada vez mais relacionada a um bom gerenciamento voltado à sustentabilidade, integrando preservação ambiental, bem-estar social e prosperidade econômica (KNEIPP et al., 2012). Dessa forma, as preocupações em adotar posturas ambientalmente sustentáveis, socialmente corretas e economicamente viáveis tem estado cada vez mais presente nas definições estratégicas das empresas (HART, 2006).

Apesar da preocupação com o meio ambientes estar presente na literatura e nas discussões das empresas nas últimas décadas, apenas nos últimos anos as empresas têm dado uma especial atenção com a popularização do termo “ESG”.

## **2.2. ESG**

ESG é a sigla em inglês para as palavras “ambiental, social e governança (corporativa)” e corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização. Alguns autores defendem que o termo ESG é a evolução da ideia e do conceito do *Triple Bottom Line* (TBL) de Elkington (COSTA e FERREZIN, 2021). Sendo assim, o conceito de ESG substituiu o fator econômico pelo termo governança corporativa, pois amplia a visão e não somente engloba o resultado

comercial, mas também a transparência nesta divulgação, os comitês de auditoria, a conduta corporativa e o combate à corrupção (COSTA e FERREZIN, 2021). Outros autores (CUCARI et al., 2018) argumentam que pelas práticas ESG cobrirem uma variedade de questões relacionadas ao meio ambiente, às responsabilidades sociais e à governança corporativa, as práticas ESG surgiram como parte das responsabilidades sociais corporativas. Já para o diretor-executivo da Rede Brasil do Pacto Global (apud PACTO GLOBAL, 2021), o ESG não é uma evolução da sustentabilidade empresarial, mas sim a própria sustentabilidade empresarial. Diante disso, o conceito ESG varia significativamente de um autor para outro, não possuindo um conceito universal aceito. Diferentes interpretações são feitas conforme o contexto que a sigla está sendo utilizada.

O termo foi oficializado em 2004 em uma publicação do Pacto Global em parceria com o Banco Mundial, chamada *Who Cares Wins*, que foi resultado de uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU). A conferência *Who Cares Wins* reuniu pela primeira vez investidores institucionais, gestores de ativos, consultores globais e órgãos governamentais e reguladores para examinar o papel das práticas de valor ambiental, social e de governança (ESG) nos ativos de gestão e nas pesquisas financeiras. Segundo o relatório oficial da conferência, houve um grau notável de concordância entre os participantes de que os fatores ESG desempenham um papel importante no contexto de investimento de longo prazo. No ano seguinte, o braço financeiro do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP - FI) junto com grupos internacionais de investidores e o Pacto Global criaram voluntariamente os Princípios do Investimento Responsável (PRI) que trazem 6 princípios para integrar os critérios de ESG nas conduções de investimentos. Os seis princípios são:

- Incorporar os temas ESG às análises de investimento e aos processos de tomada de decisão;
- Ser proativo e incorporar os temas ESG às políticas e práticas da propriedade de ativos;
- Buscar sempre fazer com quem as entidades nas quais se investe divulguem suas ações relacionadas aos temas ESG;
- Promover a aceitação e implementação dos Princípios dentro do setor de investimento;



- Ampliar a eficácia na implementação dos Princípios;
- Divulgar relatórios sobre atividades e progresso da implementação dos princípios (PRI, 20--).

Desde então o termo tem ganhado bastante destaque, em especial nos últimos anos. De 2011 a 2019, a porcentagem das maiores empresas dos Estados Unidos que publicaram relatórios de sustentabilidade aumentou de 20% para 90% (S&P GLOBAL, 2021a). Além disso, de acordo com uma pesquisa global de 2018 publicada pela FTSE Russell, mais da metade dos proprietários de ativos globais estão implementando ou avaliando considerações ESG em sua estratégia de investimento (FTSE RUSSEL, 2018).

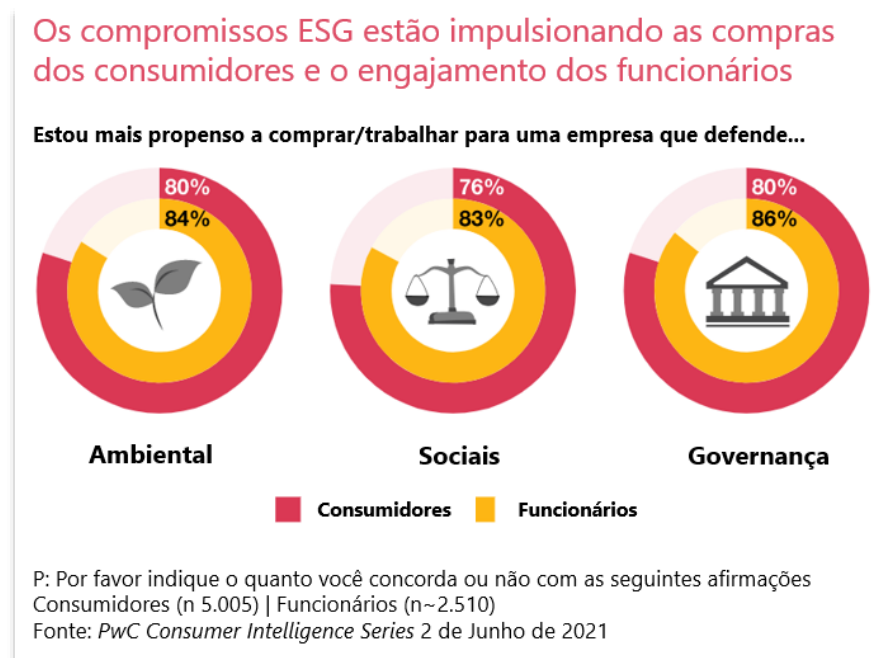
Percebe-se que os investidores desempenham um papel vital no esforço global para atingir as metas de desenvolvimento sustentável, garantindo que o capital seja levantado e alocado de forma adequada. Porém, a prática de integrar critérios de sustentabilidade na análise de investimentos também conhecida como investimento responsável ou investimento socialmente responsável (SRI) já acontecia desde muito tempo antes (BILLIO et al., 2020). Inclusive diversos índices foram criados anteriormente como o *Dow Jones Sustainability Index (DSJI)*, por exemplo, para avaliar a performance de empresas conforme critérios que abrangem as 3 esferas ESG, mas que anteriormente não eram denominados dessa forma.

Apesar da importância dos critérios não financeiros, o termo ESG tem ganhado bastante destaque apenas recentemente entre as empresas no momento em que a sociedade começa a valorizar e se preocupar como nunca antes com as organizações que respeitam o meio ambiente, as pessoas e uma boa gestão. São exigências que refletem um novo comportamento que cada vez mais priorizam o consumo de marcas transparentes e responsáveis.

Segundo relatório publicado em julho de 2021 da PwC, 77% dos investidores institucionais disseram que planejam parar de comprar produtos não ESG a partir do próximo ano (PWC GLOBAL, 2021b). Uma pesquisa comandada pela Verizon Media (apud PACTO GLOBAL, 2021), consultoria especializada em conteúdo, publicidade e tecnologia, também revelou que o meio ambiente, questões políticas e pautas sociais são os três temas de maior atenção para a Geração Z. Além disso, outro estudo de 2021 da PwC (PWC GLOBAL, 2021a) mostra que a maioria dos consumidores e dos funcionários disseram que são mais

propensos a comprar ou trabalhar para empresas que compartilham seus valores entre os vários elementos do ESG conforme figura 1:

Figura 1: Resultado de Pesquisa da PwC de junho de 2021



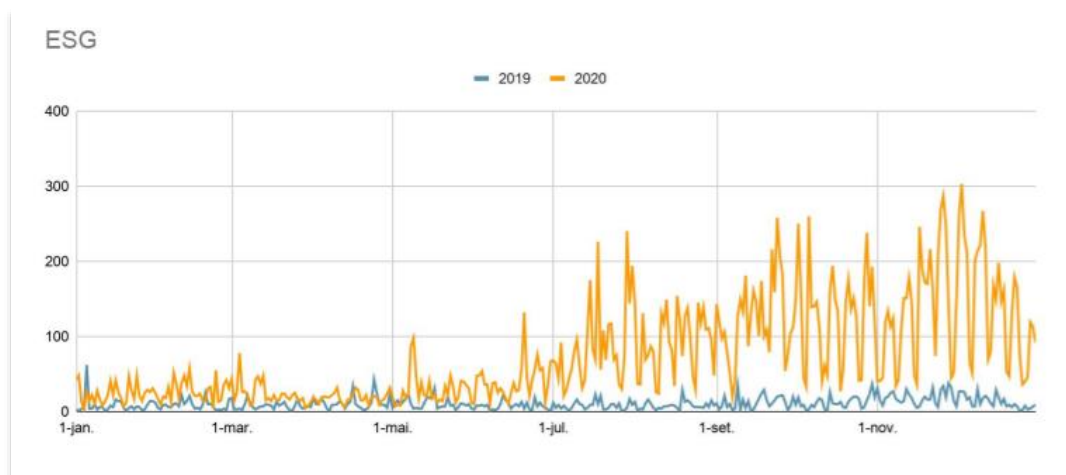
Fonte: Pesquisa PwC *Consumer Intelligence* Series junho de 2021

Nesse mesmo contexto, investidores e fundos de investimento também passaram a olhar com mais cautela para esses critérios na hora de decidirem onde investir. Além disso, um número crescente de estudos e evidência relatam o impacto positivo dessas práticas no resultado financeiro das empresas (FATEMI et al., 2018; YOON et al., 2018; ZHAO et al., 2018). Jill SOLOMON (2006) e Aris SOLOMON (2006) apontam que investidores e analistas institucionais, anteriormente desinteressados na divulgação ambiental, agora voltaram a atenção para essas informações, criando uma demanda crescente por relatórios de sustentabilidade. Inclusive, a literatura prévia mostra que estes tipos de *stakeholders* agora explicam a divulgação não financeira das empresas em seus processos de decisão de qual empresa investir (BERTHELOT et al., 2003; GUPTA e GOLAR, 2006; MONEVA e CUELLAR, 2009). Por consequências, as empresas interessadas em ter acesso a mais recursos financeiros começaram também a se mobilizar mais para adoção dessas práticas e para a divulgação tanto para os investidores quanto para os seus consumidores. Em estudo da PwC em 2021 (PWC GLOBAL, 2021a) mostrou que quase três quartos (74%) dos respondentes

disseram que as empresas se preocupam muito mais com o meio ambiente agora do que há dez anos.

A pandemia causada pela COVID-19 em 2020 também contribuiu significativamente para o aumento da preocupação com práticas ESG. Um estudo feito pelo Pacto Global Brasil e a Stilingue (PACTO GLOBAL, 2021), mostra que a busca por assuntos relacionados a ESG foi 6 vezes maior em 2020 em comparação com 2019 conforme ilustrado na figura 2.

Figura 2: Gráfico da quantidade de pesquisas na internet por assuntos relacionados a ESG



Fonte: Pacto Global Brasil – Relatório da Evolução ESG no Brasil 2021, pág. 19

Por serem fatores mais subjetivos, não fica claro para as empresas as práticas que elas devem adotar para serem mais sustentáveis. Além disso, por serem práticas que exigem um investimento interno de capital, as empresas muitas vezes acabam priorizando diferentes práticas (BALDINI et al., 2018). Com base nisso, estudos anteriores sugerem que a divulgação de práticas de ESG varia entre países e empresas (IOANNOU e SERAFIM, 2012; REVERTE, 2009) porque as informações a serem divulgadas e a maneira pela qual ela é apresentada fica ao critério de cada empresa. Além disso, dado que a divulgação de ESG é um subconjunto de informações não financeiras, suas práticas não seguem um formato padronizado como no caso de informações financeiras (ELZAHAR et al., 2015). Apesar de muitas empresas aderirem às diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) ao relatar seu desempenho ESG (VIGNEAU et al., 2015), mais recentemente, além dos métodos convencionais de fazer tais divulgações, as empresas têm usado

cada vez mais métodos não tradicionais, incluindo sites e mídias sociais para relatar suas práticas ESG (EBERLE et al., 2013). Conforme mais empresas estão medindo e relatando o desempenho de sustentabilidade, há uma maior necessidade de mensuração e análise consistentes de métricas de sustentabilidade para fins de divulgação (TAMIMI e SEBASTIANELLI, 2017).

Apesar da divergência em práticas e de relatórios ESG, as instituições financeiras, como a B3 no Brasil, Bloomberg, Thomson Reuters e MSCI, podem conceder uma pontuação de ESG às empresas com base nas análises subjetivas de cada instituição dessas práticas e incorporá-las aos seus fundos ou aos seus índices. A Bloomberg, por exemplo, atribui suas pontuações ESG com base em uma análise multidimensional onde 120 medidas quantitativas e qualitativas são mensuradas para classificar as empresas em seus aspectos ambientais, sociais e de governança política, além de análises usando dados publicamente disponíveis, relatórios anuais e de sustentabilidade, comunicação direta, comunicados à imprensa, pesquisas de terceiros e itens de notícias (TAMIMI e SEBASTIANELLI, 2017).

Esse reconhecimento tem sido bastante divulgado e almejado pelas empresas, uma vez que representa que a organização está de acordo com práticas ambientais, sociais e de governança. Inclusive muitos fundos de investimentos foram criados e dedicados exclusivamente a empresas que apresentam práticas ESG. Segundo estudo feito pela Morningstar (apud PACTO GLOBAL, 2021), a pedido da Capital Reset, no Brasil, fundos ESG captaram R\$ 2,5 bilhões em 2020, sendo que mais da metade da captação veio de fundos criados nos últimos 12 meses.

É importante entender que a sigla ESG é encontrada na literatura para falar das práticas das empresas em relação aos pilares ambientais, sociais e de governança corporativa quanto para falar de investimentos que levam em conta critérios de sustentabilidade. Para o presente estudo, o foco será nas práticas das empresas para atingirem resultados ESG.

### **2.3.E – *Environmental* (Ambiental)**

Antes mesmo da popularização do termo ESG, diversas iniciativas foram criadas com o objetivo de trazer uma equação mais equilibrada entre o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável. Várias dessas iniciativas já traziam práticas relacionadas aos pilares ESG, mas principalmente ao pilar *Environmental* (ambiental). O Pacto Global, por exemplo, lançado em julho de 2000 como iniciativa da ONU já trazia dentre 10, 3 princípios relacionados às responsabilidades ambientais das empresas:

- Princípio 7: As empresas devem apoiar uma abordagem preventiva aos desafios ambientais.
- Princípio 8: Desenvolver iniciativas para promover maior responsabilidade ambiental.
- Princípio 9: Incentivar o desenvolvimento e difusão de tecnologias ambientalmente amigáveis.

(OS 10 PRINCÍPIOS. [S. I.], 2000)

O aspecto ambiental do tripé da sustentabilidade (TBL) também trazia algumas práticas que as empresas deveriam seguir para alcançar esse pilar. Segundo GOEL (2010), o pilar ambiental do tripé refere-se ao engajamento em práticas que não comprometam os recursos ambientais para gerações futuras. Refere-se ao uso eficiente de recursos de energia, reduzindo as emissões de gases de efeito estufa, e minimizar a pegada ecológica. É importante ressaltar que não existe um conjunto único de práticas que devem ser seguidas para uma empresa ser considerada ambientalmente sustentável e responsável uma vez que diferentes iniciativas e instituições exploram esse âmbito de diferentes maneiras.

Trazendo uma visão mais atual, de acordo com KOLLER et al. (2019), o E em ESG, se diz a respeito de critérios ambientais, os quais incluem a energia que a empresa utiliza, os resíduos que ela descarta, os recursos dos quais necessita e as consequências para os seres vivos como resultado. Além disso, não menos importante, o pilar E engloba as emissões de carbono e as mudanças climáticas. Já para a S&P GLOBAL (2020c), em relação ao elemento E, eles utilizam quatro fatores-chave específicos da organização (emissões de gases de efeito estufa, emissão de resíduos, uso de água, e uso da terra) para determinar se a entidade está gerenciando ativamente e efetivamente suas exposições a riscos ambientais.

Dessa forma, percebe-se que a dimensão ambiental, apesar das diferentes literaturas, traz aspectos bem parecido em relação às responsabilidades da empresa focando principalmente nas questões relativas à sua interação com o planeta terra.

#### **2.4. S – Social (Social)**

Dentro da dimensão social do ESG, também é possível encontrar diferentes iniciativas que mais tarde se contemplariam no pilar social do ESG. O Pacto Global, por exemplo, não possui uma dimensão exclusivamente social, porém possuem 2 esferas – direitos humanos e trabalho – relacionadas às responsabilidades sociais de uma empresa. No pilar de Direitos Humanos existem 2 princípios:

- Princípio 1: As empresas devem apoiar e respeitar a proteção de direitos humanos reconhecidos internacionalmente.
- Princípio 2: Assegurar-se de sua não participação em violações destes direitos.

Já no pilar de Trabalho existem 4 princípios:

- Princípio 3: As empresas devem apoiar a liberdade de associação e o reconhecimento efetivo do direito à negociação coletiva.
- Princípio 4: A eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou compulsório.
- Princípio 5: A abolição efetiva do trabalho infantil.
- Princípio 6: Eliminar a discriminação no emprego.

(OS 10 PRINCÍPIOS. [S. I.], 2000)

Já na visão do TBL, o tripé social refere-se à condução de práticas benéficas e justas para o trabalho, para o capital humano e a comunidade (ELKINGTON, 1998). Sendo assim, a atuação social centra-se na interação entre a comunidade e a organização e aborda questões relacionadas ao envolvimento da comunidade, relações com os funcionários e salários justos (GOEL, 2010).

Partindo para uma visão mais atual do pilar social, de acordo com a S&P GLOBAL (2021b), se os outros aspectos de ESG - riscos e oportunidades ambientais e de governança - estão principalmente preocupados com os efeitos de sua corporação no planeta ou de suas funções internas e políticas, os fatores

sociais são principalmente aqueles que surgirão nas relações entre a empresa e as pessoas e as instituições fora dela. Sendo assim, é possível entender que o desempenho das práticas de sustentabilidade social reflete em como e quais medidas uma empresa traduziu seus objetivos sociais em práticas que visam melhores condições de trabalho, saúde e segurança, relacionamento com funcionários, bem-estar, diversidade, direitos humanos, práticas trabalhistas justas e envolvimento da comunidade, entre outros. (ALSAYEGH e at., 2020). Outra definição para o pilar social vem do KOLLER et al. (2019), que argumentam que o S diz a respeito de critérios sociais e aborda os relacionamentos que sua empresa tem e a reputação que ela promove com pessoas e instituições dentro do seu ecossistema. S também inclui relações de trabalho, diversidade e inclusão e como cada empresa opera dentro da sociedade mais ampla e diversa. Apesar das diferentes visões e definições, percebe-se que todos trazem uma visão das relações da empresa com a sociedade.

## **2.5. trG – Corporate Governance (Governança Corporativa)**

De acordo com a S&P GLOBAL (2020a), ao analisar fatores ambientais, sociais e de governança, o elemento “G” é frequentemente esquecido em meio a considerações sobre risco climático, implicações sociais e outros riscos e oportunidades “E” e “S”. Dentro do Pacto Global, por exemplo, apenas um princípio se relaciona à dimensão de Governança. O pilar anticorrupção que traz o Princípio 10 diz que as empresas devem combater a corrupção em todas as suas formas, inclusive extorsão e propina (OS 10 PRINCÍPIOS. [S. I.], 2000). No entanto, compreender os riscos e oportunidades de governança na tomada de decisões é fundamental, visto que práticas inadequadas de governança corporativa estiveram no centro de alguns dos maiores escândalos corporativos

Também de acordo com a S&P GLOBAL (2020c), o "G" em ESG refere-se aos fatores de governança da tomada de decisão, desde a formulação de políticas soberanas até a distribuição de direitos e responsabilidades entre os diferentes participantes nas empresas, incluindo o conselho de administração, gerentes, acionistas e partes interessadas. Para eles, quatro fatores-chave específicos da organização (estrutura e supervisão, código e valores, transparência e relatórios, e riscos financeiros e operacionais) são avaliados para determinar se

a entidade gerencia de forma ativa e eficaz sua exposição aos riscos e oportunidades de governança.

Sendo assim, percebe-se que os fatores de governança indicam as regras e procedimentos para países e corporações e permitem que os investidores selecionem as práticas de governança adequadas, assim como fariam com os fatores ambientais e sociais. O objetivo de uma corporação, o papel e a composição dos conselhos de administração, os direitos dos acionistas e como o desempenho corporativo é medido são elementos essenciais das estruturas de governança corporativa. Outra visão é do KOLLER et al. (2019), que argumentar que o G de governança, é o sistema interno de práticas, controles e procedimentos que a empresa adota para se governar, tomar decisões eficazes, cumprir a lei e atender às necessidades das partes interessadas externas. Toda empresa, que em si mesma é uma criação legal, requer uma governança.

## **2.6. *Global Reporting Initiative* (GRI) e Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3)**

A identificação dos fatores relativos ao desenvolvimento sustentável tornou necessária a criação de mecanismos e maneiras que apontem, indiquem, anunciem ou estimem os níveis e impactos das atividades humanas, bem como suas possíveis tendências de ocorrência. Para tanto, foram criados índices e indicadores de sustentabilidade (BELLEN, 2007).

Dentre as principais iniciativas para a elaboração de relatórios de sustentabilidade destaca-se a *Global Reporting Initiative* (GRI) (BROWN et al., 2009), que é considerada como um dos mais consistentes esforços para consolidar as diversas iniciativas existentes para se chegar a um consenso sobre a avaliação de sustentabilidade empresarial (BASSETTO, L. I., 2010).

A *Global Reporting Initiative* é uma organização sem fins lucrativos, criada em 1997 por meio de uma ação conjunta da *Coalizition for Environmentally Responsible Economies* (CERES) e do PNUMA, cuja missão é desenvolver e divulgar as Diretrizes para Relatórios de Sustentabilidade. Além disso, a GRI tem como objetivo contribuir para a melhoria dos relatórios de sustentabilidade emitidos pelas organizações e estimular a adoção voluntária de indicadores com maior qualidade, rigor e aplicação global.



Em 2018, a GRI lançou a *GRI Standard* a versão mais recente das diretrizes para relatórios de sustentabilidade. As diretrizes são compostas por princípios, orientações e indicadores de desempenho e o GRI Standard ajuda as organizações a compreender seus impactos externos: na economia, no meio ambiente e na sociedade. Isso aumenta a responsabilidade e a transparência sobre sua contribuição para o desenvolvimento sustentável (GLOBAL REPORTING., 2018). As organizações podem usar o GRI Standard para preparar um relatório de sustentabilidade de acordo com os padrões e critérios estabelecidos. Ou podem usar padrões selecionados, ou partes de seu conteúdo, para relatar informações para usuários ou propósitos específicos, como relatar os impactos das mudanças climáticas para seus investidores e consumidores gerais (GLOBAL REPORTING., 2018).

Dessa forma, a *GRI Standard* compila as melhores práticas para o relato do comprometimento e práticas ESG das empresas, fornecendo uma visão abrangente da materialidade, impactos e gestão de cada um dos indicadores. É importante ressaltar que o desenvolvimento do GRI é feito através de um processo global que envolve diversas partes interessadas como os representantes das empresas, trabalhadores, sociedade civil, mercados financeiros, auditores, especialistas e agências governamentais em vários países (GLOBAL REPORTING., 2018).

Além dos relatórios de sustentabilidades, instituições financeiras também têm criado diversos índices para avaliar às práticas de sustentabilidade das empresas ativas na bolsa de valores. Dentre esses índices se destaca o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), cujo objetivo é “ser o indicador do desempenho médio das cotações dos ativos de empresas selecionadas pelo seu reconhecido comprometimento com a sustentabilidade empresarial” (ISE B3, 2021). E assim, apoiar os investidores na tomada de decisão de investimento e induzindo as empresas a adotarem as melhores práticas de sustentabilidade (ISE B3, 2021). Esse índice surgiu como uma iniciativa pioneira na América Latina e é hoje o quarto índice de sustentabilidade no Mundo (ISE B3, 2021). O ISE B3 foi criado pela B3 em 2005, com financiamento inicial pela *International Finance Corporation* (IFC), braço financeiro do Banco Mundial.

De acordo com a B3, para avaliar o desempenho em sustentabilidade das empresas listadas na B3/BM&FBOVESPA e selecioná-las para compor o índice, a

BM&FBOVESPA aplica um questionário para avaliar o desempenho em sustentabilidade das companhias. Esse questionário é bem abrangente e considera o desempenho da companhia em sete dimensões que avaliam, entre outros, elementos ambientais, sociais e econômico-financeiros de forma integrada. Às dimensões ambiental, social e econômico-financeira, tradicionalmente conhecidas como TBL, foram acrescentados outros importantes conjuntos de indicadores: Geral, Natureza do Produto e Governança Corporativa. Na dimensão Geral, são avaliadas práticas como o comprometimento da empresa com o desenvolvimento sustentável e perante acordos globais; bem como sua transparência, revelada pela divulgação das respostas do questionário e a elaboração de relatório de sustentabilidade. Na dimensão Natureza do Produto, são consideradas, entre outras, questões relativas aos possíveis danos e riscos à saúde dos consumidores e de terceiros, provocados pela utilização de produtos ou serviços da empresa. Há ainda uma dimensão inteira sobre Governança Corporativa e o que se entende como o estado da arte nesse tema. Mais recentemente, o tema das mudanças climáticas foi aprofundado, tendo migrado para uma dimensão que busca avaliar o compromisso, as estratégias, a gestão de riscos e as oportunidades advindas das mudanças climáticas já em curso no planeta (BOVESPA, 2015).

Todas as dimensões são subdivididas em um conjunto de critérios e avaliados em indicadores. As dimensões Ambiental, Social, Econômico-financeira e de mudanças Climáticas seguem um mesmo padrão, sendo divididas em quatro critérios: a) Política (indicadores de comprometimento); b) Gestão (indicadores de programas, metas e monitoramento); c) Desempenho; e d) Cumprimento Legal (reporte, no caso da dimensão climática). No que se refere à dimensão Ambiental, há uma diferenciação dos questionários em função da atividade da empresa e seus impactos diferenciados no meio ambiente (BOVESPA, 2015).

Devido à aplicação da materialidade setorial, o conteúdo do questionário varia conforme o setor da empresa respondente. No entanto, para garantia da comparabilidade entre empresas de diferentes setores e para consolidação das avaliações de grupos econômicos envolvendo empresas de mais de um setor, a B3 faz com que a pontuação das perguntas se autoajusta, de modo que o questionário de cada setor tenha sempre um máximo de 100 pontos possíveis (BOVESPA, 2015). Além da pontuação recebida por meio do questionário, a B3 avalia qualitativamente as empresas respondentes. A avaliação qualitativa tem como

objetivo incentivar as empresas a serem rígidas e honestas em suas respostas ao questionário, promovendo maior consistência, exatidão e comparabilidade nos resultados. Ela consiste no sorteio de uma pergunta de cada dimensão para validação documental. Por fim, a B3 calcula um “score” final para seleção das empresas para compor o índice.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Modelo de Pesquisa**

Este estudo tem por objetivo avaliar o grau de comprometimento e envolvimento das empresas brasileiras em relação às boas práticas de sustentabilidade no que diz respeito das três principais esferas associadas à sigla ESG: ambiental, social e governança por meio da amostra de uma pesquisa própria aplicada em empresas nacionais. Para tanto, optou-se por realizar uma pesquisa descritiva. A pesquisa descritiva, segundo GIL (2008), visa “a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. MARTINS e THEÓPHILO (2016) acrescentam que a pesquisa descritiva visa “organizar, resumir, caracterizar e interpretar os dados numéricos coletados”. Além disso, GALL (2007) explica que o objetivo da pesquisa descritiva é “descrever um fenômeno e suas características, sendo assim, a pesquisa está mais preocupada com o quê, e não como ou por que algo aconteceu”.

Como técnica de coleta de dado, foi aplicado um questionário online via *Google Forms* com executivos e membros de empresas brasileiras. O questionário foi divulgado pelo LinkedIn – rede social empresarial – no perfil dos participantes do presente estudo e encaminhado via *WhatsApp* e e-mail para empresários da rede de contato da equipe. O questionário consistiu inicialmente em perguntas para entender-se o perfil da empresa respondente. Em seguida, diversas boas práticas relacionadas à sustentabilidade, ao âmbito social e à governança da empresa foram listadas para assim, os empresários analisarem e responderem em uma escala Likert de 11 pontos – maiores explicações no tópico seguinte - sendo de 0 a 10 o grau de conformidade/concordância da assertiva com as práticas adotadas na empresa em que atua. Cada âmbito foi dividido e separado no questionário. A pesquisa foi aplicada de forma anônima não sendo necessário se identificar nem identificar a

empresa onde o respondente atuava, uma vez que os dados foram tratados de maneira global.

Após a aplicação dos questionários, foi feita a organização e a análise dos dados a fim de entender melhor o contexto das empresas brasileiro – com base nos respondentes - em relação às boas práticas de ESG. Essa análise foi feita inicialmente com as 80 respostas coletadas entre o período de 8 de agosto de 2021 e 15 de março de 2022. Foram feitas análises macros agrupando as informações em conjunto e identificando semelhanças e divergências nas respostas. Além disso, foram feitos gráficos para melhor entendimento dos resultados. Todas as análises serão mais bem detalhadas no capítulo 5.

### **3.1.1. Escala Utilizada no Questionário**

Para o presente estudo utilizou-se nos questionários a escala de resposta mais comumente utilizada que foi a introduzida por Rensis Likert em 1932, como parte de sua tese de doutorado, para medir uma gama de atitudes psicológicas. A escala "Likert" original (pronuncia-se "lick urt") incluiu cinco opções simétricas e equilibradas que refletem o grau de concordância: concordo totalmente, concordo, indeciso / nenhum, discordo ou discordo totalmente. Entretanto, a escala Likert foi ampliada e elaborada de várias maneiras nos anos que se passaram desde sua introdução original levando à algumas controvérsias se essas alternativas podem ou não ser consideradas escala Likert. Atualmente não há um acordo sobre o número de pontos de escala a serem utilizados, por exemplo. A maioria dos estudos usa a escala Likert de 4 a 7 pontos, enquanto alguns estendem para 10 ou 11. CUMMINS e GULLONE (2000) fizeram uma revisão deste problema e sugeriram que a expansão da escala para além de 4 ou 7 pontos poderia aumentar a sensibilidade sem afetar a confiabilidade dos resultados. Já BORGERS et al. (2004) sugeriram o uso da escala com 4 pontos como ideal após considerar um estudo com uma série de opções, ponto neutro e a confiabilidade dos resultados. Por outro lado, ALLEN et al. (2007) propuseram que 7 pontos seria a escala ótima quando perceberam que esta atingia limites superiores de confiabilidade em comparação às outras escalas. Dessa forma fica claro que não há um acordo comum sobre esta questão, mas Likert e outros recomendaram que a escala seja utilizada de maneira mais amplamente possível (LEUNG, 2011).

No estudo em questão optou-se pela escala com 11 pontos, tendo em vista que segundo LEUNG (2011) há suporte para o uso de uma escala de 11 pontos na literatura. CUMMINS E GULLONE (2000) também argumentam que a sensibilidade das percepções da maioria das pessoas não deve ser limitada a cinco níveis.

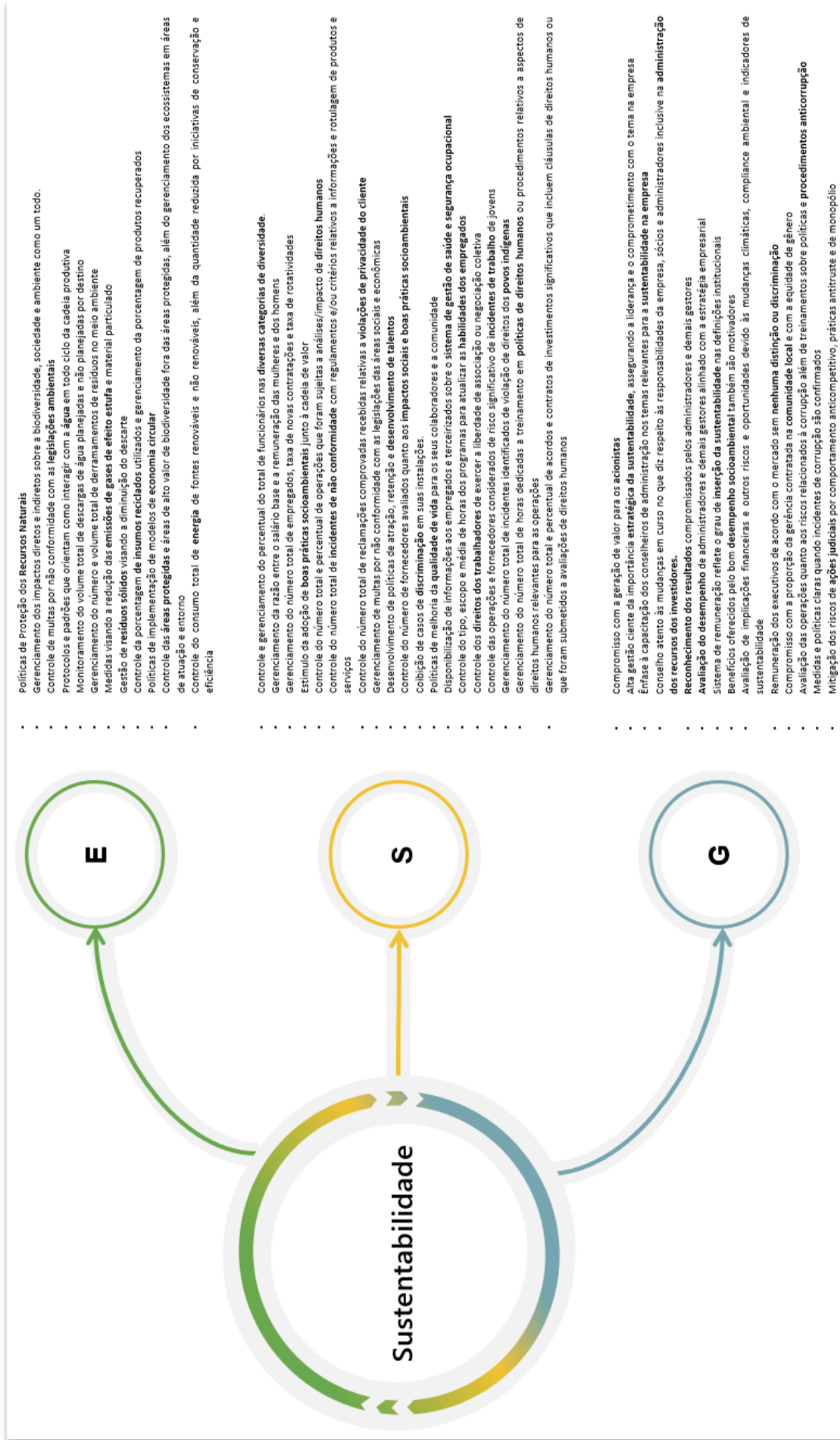
Outra pequena controvérsia a ser considerada é se o intervalo deve começar com 0 ou 1. Para o presente estudo, optou-se por começar com 0, pois segundo HODGE e GILLESPIE (2007) um “0” tem uma imagem melhor da ausência completa de um atributo, enquanto um “10” indica totalmente sua presença. Além disso, os autores argumentam uma faixa de 0 a 10 é muito popular e facilmente compreendida pela maioria das pessoas. Sendo assim, optou-se pela escala de 0-10, pois além dos argumentos anteriores, segundo o estudo realizado por Leung (2011), a escala de 0-10 aumenta a sensibilidade da escala, está mais perto da normalidade e é facilmente compreendida. Entretanto é importante ressaltar que apesar do artigo fornecer evidências para o apoio do uso da escala Likert de 11 pontos, os autores apontam que mais estudos são necessários para fazer descobertas mais conclusivas.

Por fim, uma última controvérsia é explorada por WU e LEUNG (2017) quando eles argumentam que a escala Likert é basicamente uma medida de escala ordinal, e há uma questão muito antiga e controversa sobre se ele pode realizar operações aritméticas, como adição, subtração, multiplicação e divisão nas suas análises, uma vez que muitos a utilizam como escala de intervalo - escala numérica onde a ordem das variáveis é conhecida, assim como a diferença entre estas variáveis. O estudo de WU e LEUNG (2017) sugere que existem prós e contras em usar a escala Likert como uma escala de intervalo, mas a controvérsia pode ser tratada aumentando o número de pontos. Inclusive no mesmo artigo eles argumentam que diversos pesquisadores recomendam aumentar o número para onze para assim operações matemáticas serem feitas.

### **3.1.2. Descrição do Questionário**

Com base nos conhecimentos, estudos, relatórios de sustentabilidade do GRI e nas análises feitas pelo ISE B3 para classificar uma empresa como ESG a equipe elencou 51 práticas relacionadas aos pilares ESG para montar o questionário. Sendo assim, o tipo de questionário escolhido pela equipe foi o estruturado não disfarçado uma vez que o respondente sabe qual é o objetivo da pesquisa, e o questionário é padronizado, usando principalmente questões fechadas. Das 51 práticas elencadas, 15 estavam relacionadas ao pilar ambiental, 21 ao pilar social e 15 ao pilar de governança corporativa. O questionário foi dividido em quatro partes sendo cada uma das partes descritas a seguir. Ademais, o questionário contava com um texto inicial explicando o objetivo da pesquisa. A figura a seguir representa melhor o destrinchamento de cada pilar ESG e seus respectivos focos de análise para o levantamento das assertivas:

Figura 3: Desdobramento do construto sustentabilidade nos pilares ESG



Fonte: Própria

Pela Figura 3, é possível perceber o destrinchamento do construto de sustentabilidade nos pilares ESG e os respectivos focos de análise para o levantamento das assertivas. A figura permite uma maior clareza de como o questionário foi montado. Cada parte do questionário será melhor explicada a seguir.

#### **3.1.2.1. Parte 1: Perfil da Empresa**

Destinada ao entendimento do perfil da empresa, essa etapa tinha como objetivo contextualizar a pesquisa e coletar as principais informações das empresas para que posteriormente elas pudessem ser analisadas de forma macro. Sendo assim, os respondentes deveriam responder 9 perguntas que podem ser observadas no Anexo I.

#### **3.1.2.2. Parte 2: Práticas “Ambiental”**

Para as partes 2, 3 e 4, o respondente deveria analisar cada uma das assertivas apresentadas e refletir sobre o grau de conformidade/concordância da assertiva com as práticas adotadas na empresa em que atuava. Se a proposição estivesse plenamente de acordo com o que é realizado na empresa o respondente deveria assinalar [10]. Se o grau de conformidade fosse nenhum, deveria assinalar [0]. Se fosse muito pequeno, deveria assinalar [1] e assim sucessivamente, qualquer número inteiro entre 0 (zero) e 10 (dez). A diferença de cada parte se dava ao pilar ESG que as assertivas estavam relacionadas. Na parte 2, as práticas descritas eram relacionadas ao pilar Ambiental “E”. Foram elencadas 15 (quinze) práticas, sendo elas apresentadas no Anexo II.

#### **3.1.2.3. Parte 3: Práticas “Social”**

Conforme explicado anteriormente, a diferença de cada parte se dava ao pilar ESG que as assertivas estavam relacionadas. Na parte 3, as práticas descritas eram relacionadas ao pilar Social “S”. Foram elencadas 21 (vinte e uma) práticas, sendo elas apresentadas no Anexo III.



#### **3.1.2.4. Parte 4: Práticas “Governança (Corporativa)”**

Por fim, na parte 4, as práticas descritas eram relacionadas ao pilar de Governança Corporativa “G”. Foram elencadas 15 (quinze) práticas, sendo elas apresentadas no Anexo IV.

### **3.2. Método de Análise**

Para cada parte do questionário foram feitas análises com gráficos separados. Sendo assim as análises foram feitas da seguinte forma: para a parte inicial do questionário, onde os empresários respondiam sobre o perfil de suas empresas, foram agrupados os dados e analisados de forma macro identificando apenas quais as respostas mais recorrentes e as semelhanças entre os perfis dos respondentes. Para cada parte relacionada à um pilar do ESG foi feita a análise da média das respostas de cada assertiva, ou seja, identificando qual a nota média para cada uma das assertivas. A análise da moda para saber qual o resultado mais recorrente dentro das respostas, a mediana para se entender o valor que ocupa a posição central dos valores e por fim o desvio-padrão para entender o grau de dispersão dos resultados. Todos esses dados foram analisados por meio de gráficos que serão melhor detalhados no capítulo 5. Além disso, em cada gráfico foi feita uma análise da assertiva e por fim comparado com a média de todas as respostas.

Todos os gráficos gerados foram feitos no *Google Sheets* e as fórmulas utilizadas para calcular cada um das médias, moda, mediana e desvio-padrão foram respectivamente: =MÉDIA(); =MODO(); =MED(); =DESVPAD(). Essas fórmulas foram utilizadas levando tanto em conta apenas a amostra de notas da assertiva e quanto considerando todas as respostas de todas as assertivas de cada pilar ESG para se ter um valor total relacionado ao pilar e não mais apenas a assertiva do pilar.

### **3.3. Limitações da Metodologia**

É importante ressaltarmos que o presente estudo apresenta algumas limitações quanto ao método de pesquisa utilizado. Por estarmos falando de uma pesquisa descritiva é preciso tomar cuidado quanto às generalizações uma vez que ela é limitada ao grupo de respondentes. Ademais, para o presente estudo foram

analisadas 80 respostas, um número considerado baixo para chegarmos em quaisquer conclusões gerais. Além disso dentro da amostra é possível perceber diferentes empresas em termos tanto financeiros quanto em número de funcionários e setor de atividade. Diante disso, as generalizações podem não coincidir com a realidade por esse agrupamento ter sido feito. Para o presente estudo e dado em conta o número da amostra não serão feitas segmentações.

Uma outra limitação é dada por CRESWELL (2003) que diz que há a possibilidade de haver o viés do pesquisador, ou seja, tendo em vista que os dados são interpretados pelo pesquisador, é possível que o mesmo analise de acordo com seu olhar pessoal, influenciando então a interpretação dos dados. No presente estudo, buscou-se mitigar essa limitação tornando a pesquisa 100% anônima para que não houvesse influências e julgamentos por parte da equipe nas notas dadas à cada assertiva. Além disso, os dados foram analisados de forma global.

Diante do fato que a pesquisa foi feita de forma on-line, sem a presença dos entrevistadores, outra limitação a ser considerada é que os próprios respondentes podem ter dado respostas enviesadas, uma vez que eles sabem qual o objetivo do estudo, eles podem querer prezar pelas respostas e superestimar o nível de concordância com as práticas listadas no questionário. Outro ponto a ser considerado é que como os entrevistadores não estavam presentes, os respondentes poderiam responder de forma equivocada alguma prática que eles não associassem com suas empresas. Dentro dessa questão é importante explicitar que a equipe optou por não colocar uma alternativa como “não se aplica”, pois esta opção poderia influenciar os respondentes a optarem por essa categoria quando na verdade eles deveriam ter sim responsabilidades diante da prática descrita. Dessa forma, a equipe procurou minimizar essas duas questões tanto, como dito anteriormente, fazendo a pesquisa anônima e que as empresas não seriam identificadas e os respondentes permaneceriam anônimos quanto analisando os dados de forma cautelosa e entendendo que a pesquisa foi trata de forma global.

#### 4. ESG/SUSTENTABILIDADE NAS EMPRESAS BRASILEIRAS

O termo ESG tem ganhado bastante destaque recentemente entre as empresas tendo em vista que mudanças climáticas, esgotamento de recursos naturais, más condições de trabalho e escândalos corporativos têm “aumentado as expectativas da sociedade em relação as responsabilidades ambientais, sociais e éticas das empresas” (MONEY e SCHEPERS, 2007, p. 2). Além disso, uma aceleração considerável do interesse por ESG nos últimos 12 a 18 meses aumentou a consciência sobre o impacto das empresas no meio ambiente e na sociedade. Impulsionado por fatores como mudanças climáticas, desigualdade social e o impacto do COVID-19, o ESG se tornou prioridade nas discussões estratégicas das empresas.

De acordo com a Nelmara Arbex (apud ABERJE, 2021), sócia e líder de ESG da consultoria KPMG. “As mudanças climáticas vão permanecer no topo da lista de prioridades dos reguladores, investidores, governos e empresas durante os próximos anos”. Sua visão é fruto do último estudo que ela ajudou a comandar na rede global da KPMG. Intitulada “Chegou a hora – Relatórios de Sustentabilidade 2020”, a pesquisa revisou informes de ESG – publicados entre julho de 2019 e junho de 2020 – de 5.200 empresas sediadas em 52 países e jurisdições, entre eles, o Brasil. O resultado, para o Brasil, apontou que 85% das empresas pesquisadas elaboram relatórios de sustentabilidade. Além disso, 72% delas utilizam as normas da GRI. “A preparação de relatórios sobre a performance ESG se tornou uma prática comum entre as grandes empresas e as listadas na Bolsa de valores. Isso é muito bom para toda a sociedade e não somente para investidores”, destaca Nelmara.

O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) mede o retorno de uma carteira de ações de empresas comprometidas com o desenvolvimento sustentável. O ISE, fundado em 2005 pela Bovespa (atual B3), é uma análise pioneira do desempenho das empresas listadas em bolsa sob a ótica da sustentabilidade empresarial, com base na eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa. Seu objetivo é induzir boas práticas empresariais e ser uma referência para o investimento orientado ao desenvolvimento sustentável. A carteira atual do ISE B3 vai de 4 de janeiro a 30 de dezembro de 2021 e inclui 46 ações de 39 empresas pertencentes a 15 setores.

As 39 empresas listadas são:

AES Tiete	Ecorodovias	Marfrig
B2W	EDP	Minerva
Banco do Brasil	Eletrobras	Movida
Bradesco	Engie	MRV
BRF	Fleury	Natura
BTG	GPA	Neoenergia
CCR	Itaú Unibanco	Petrobras
Cemig	Itaúsa	Petrobras Distribuidora
Cielo	Klabin	Santander
Copel	Light	Suzano
Cosan	Lojas Americanas	Telefônica
CPFL	Lojas Renner	TIM
Duratex	M. Dias Branco	Weg

Quadro 1: Empresas da carteira de 2021 do ISE B3

Fonte: B3

Dentro das 39 empresas, a B3 divulgou um “raio-x” delas com algumas das principais informações:

- 100% estabelecem medidas disciplinares em caso de violação de direitos relacionados a orientação sexual e identidade de gênero (2020: 93%).
- 58% das companhias promovem discussões com a alta liderança sobre a promoção da equidade quanto à licença parental entre homens e mulheres, incluindo o benefício para casais homoafetivos e famílias monoparentais (2020: 37%).
- Os conselhos de administração das companhias da carteira são compostos por:
  - 77% de mulheres como membros titulares (2020: 77%).
  - 5% de negros como membros titulares (2020: 3%).
  - 72% promovem práticas para encorajar representantes do grupo LGBTQIA+ a utilizarem os recursos disponibilizados pela companhia para sua integração aos demais funcionários (2020: 48%).

- 67% das companhias estão listadas no segmento do Novo Mercado (2020: 60%).
- 100% das companhias possuem processos e procedimentos implementados de gestão de riscos corporativos que consideram aspectos de curto, médio e longo prazo e que são acompanhados pelo Conselho de Administração (2020: 100%).
- 100% das companhias declaram que utilizam a Agenda 2030 e os ODS como referências para identificar e integrar aspectos relevantes de sustentabilidade em seus negócios (2020: 98%).
- 93% das companhias possuem processos definidos e em andamento para integração dos ODS às estratégias, metas e resultados almejados (2020: 91%).

As 5 ODS mais priorizados pelas empresas com base nos impactos da atividade da empresa sobre os ODS:

- ODS 9 (indústria, inovação e infraestrutura): 83% (2020: 89%)
- ODS 13 (combate às alterações climáticas), com 81% (2020: 70%)
- ODS 8 (emprego digno e crescimento econômico): 78% (2020: 76%)
- ODS 16 (paz, justiça e instituições eficazes): 67% (2020: 54%)
- ODS 7 (energia acessível e limpa): 65% (2020: 69%)

As 5 ODS menos priorizados pelas empresas com base nos impactos da atividade da empresa sobre os ODS:

- ODS 2 (fome zero e agricultura sustentável): 77% (2020: 69%)
- ODS 6 (água limpa e saneamento): 73% (2020: 65%)
- ODS 10 (redução das desigualdades): 70% (2020: 69%)
- ODS 14 (vida debaixo d'água): 70% (2020: 57%)
- ODS 1 (erradicação da pobreza): 64% (2020: 57%)

Apesar da visão ser limitada às empresas pertencentes ao ISE B3, é possível observar que de 2020 para 2021 houve um aumento nas práticas e nas responsabilidades ESG de forma geral dentro das empresas. Além disso, uma vez

que essas empresas são grandes corporações com bastante visibilidade, o maior compromisso com práticas ESG além de influenciar outras grandes corporações – de acordo com a B3 o número de empresas inscritas no processo de seleção para composição do ISE B3 subiu 69% de 2019 para 2020 –, também influenciam pequenas e médias empresas como pode-se observar pelo compromisso e pela divulgação em mídias sociais das práticas ESG.

Analisando agora a carteira de 2022, sabe-se que as empresas desse ano foram escolhidas por meio de uma nova metodologia, que além das respostas ao questionário e das análises de evidências, incluiu-se a informações de duas fontes externas. A primeira fonte externa foi o resultado das empresas no CDP 2021, incorporando informações referentes à dimensão Mudança do Clima e a segunda foram as análises de reputação das companhias, realizadas pela RepRisk (B3, 2022a). A ISE B3 2022 é composta por 46 empresas, onde 11 novas empresas entraram em comparação à 2021: Ambipar, Arezzo, Azul, Braskem<sup>2</sup>, Iochpe-Maxion<sup>2</sup>, Magazine, Raia Drogasil, Rumo, Simpar, SulAmerica<sup>2</sup> e Via. E quatro empresas anteriormente listadas saíram do ISE ou optaram por não participar: Petrobras, Assaí, Eletrobras, Getnet BR e Marfrig.

O raio X das empresas do ISE BE 2022 apresentado pela B3 (B3, 2022b)

Promoção da diversidade:

- 99% das empresas indicaram que oferecem a seus funcionários mecanismos formais, independentes e de fácil acesso para denúncias relacionadas a casos de assédio moral, sexual, racismo, homofobia, transfobia e outras formas de preconceito contra grupos minorizados, incluindo funcionários próprios e terceirizados. Nesse sentido, 100% das empresas indicaram fazer o gerenciamento adequado dessas denúncias.
- 93% das empresas indicaram possuir uma área, instância ou pessoa responsável por garantir a implementação de ações de promoção e valorização da diversidade. 48% das empresas indicaram que priorizam esse tema na agenda dos seus conselhos de administração.

Com relação à pauta de diversidade nos conselhos de administração:

- 78% das empresas possuem pelo menos uma mulher como membro titular em seus conselhos.

- 11% das empresas possuem pelo menos um negro como membro titular em seus conselhos.
- 4% das empresas possuem pelo menos um representante LGBTQIA+ como membro titular em seus conselhos.

#### Direitos humanos e comunidade local:

- 100% das empresas indicaram que realizam ações relacionadas à erradicação do trabalho forçado ou compulsório.
- 99% das empresas indicaram que realizam ações relacionadas à erradicação do trabalho infantil.
- 99% das empresas indicaram que dispõem de política corporativa que inclua o tema relacionamento com a comunidade local.

#### Mudança do clima e gestão ambiental:

- 96% das empresas indicaram como um de seus compromissos com o desenvolvimento sustentável o combate à mudança do clima e seus impactos.
- 93% das empresas indicaram que possuem ações ou programas estruturados de eficiência energética.
- 100% das empresas indicaram que possuem política corporativa relacionada às suas gestões ambientais.
- 78% das empresas indicaram que há atribuições relacionadas à gestão ambiental na descrição dos cargos de seus executivos de C-level.
- 64% das empresas indicaram que realizam avaliação periódica e sistemática de seus aspectos e impactos ambientais em 100% de suas unidades (produção e escritórios).
- 27% das empresas indicaram que possuem certificação ambiental em 100% de suas unidades produtivas.
- 100% das empresas indicaram que possuem uma política de saúde e segurança no trabalho (SST).

#### Combate à corrupção:

- 100% das empresas indicaram como um de seus compromissos com o desenvolvimento sustentável o combate a todas as formas de corrupção.
- 97% de todas as empresas participantes indicaram o combate à corrupção como um dos temas que são objeto de suas ações de capacitação, pelo menos para os níveis de coordenação, gerência e diretoria.
- 100% das empresas participantes indicaram que dispõem de uma política formal em relação ao combate a todas as formas de corrupção. Nesse sentido, 99% das empresas indicaram que possuem o cumprimento dessa política com monitoramento e fiscalização por sua alta administração (diretoria executiva, conselho de administração, comitê de auditoria e/ou comitê de conduta), conforme cabível a cada uma dessas instâncias. Além disso, 99% das empresas indicaram que suas políticas explicitam medidas de prevenção, detecção e resposta a casos de envolvimento ativo ou passivo em situações que caracterizam alguma forma de corrupção interna e na cadeia de valor.

O compromisso dessas grandes empresas com as questões ambientais, sociais e de governança auxiliam também no compromisso com as ODS da ONU como é possível observar pelo raio-x feito pela B3 em 2021 e 2022. Essas grandes empresas possuem especial responsabilidade em relação à sustentabilidade no Brasil. Porém, das informações divulgadas pela B3, as análises ainda são apresentadas de forma geral e sem muita profundidade em relação à cada pilar ESG. É possível notar apenas o comprometimento dessas empresas de forma geral com a sustentabilidade, a sociedade e o ambiente, mas sem detalhes do cenário das empresas brasileiras com base em cada pilar ESG.

Uma outra visão da sustentabilidade no Brasil é trazida no estudo realizado por QUIRÓS et al. 2018) que trouxe uma análise do escore de desempenho ESG das empresas listadas na B3 durante os anos de 2010 a 2015. No total, foram 73 empresas pertencentes a 24 setores de atividade. Na Tabela 1, é possível ver o desempenho médio ambiental, social e de governança corporativa de cada setor de negócios durante os anos em estudo. O estudo pontua que os resultados foram retirados da análise da Thomson Reuters Eikon – multinacional especializada em informações financeiras – que fornece uma pontuação anual para



cada empresa entre 0 e 100 pontos. Isso permite identificar as empresas com práticas de ESG fortes (50-100 pontos) ou práticas ESG fracas (0-49 pontos).

Tabela 1: Desempenho médio ambiental, social e de governança corporativa, por setores.

Performance Ambiental		Performance Social		Performance de Governança	
Telecomunicações Móveis	87.67	Florestal e Papel	94.00	Bens Domésticos e Construção	52.54
Bebidas	87.07	Bancos	92.90	Florestal e Papel	50.37
Químicos	86.72	Telecomunicações Móveis	91.75	Serviços Financeiros	44.38
Aeroespacial e Defesa	84.13	Aeroespacial e Defesa	91.60	Construção e Materiais	41.33
Bancos	81.61	Químicos	84.67	Bancos	37.32
Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	78.07	Gás, Água e Multiutilidades	79.13	Bens Pessoais	36.48
Florestal e Papel	74.02	Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	75.28	Telecomunicações Móveis	32.74
Bens Pessoais	66.22	Bens Domésticos e Construção	71.67	Transporte Industrial	29.53
Eletricidade	60.89	Eletricidade	71.17	Produtores de Alimentos	27.23
Produtores de Alimentos	54.08	Bens Pessoais	70.11	Bebidas	26.53
Gás, Água e Multiutilidades	53.18	Transporte Industrial	66.93	Seguros Não de Vida	26.01
Bens Domésticos e Construção	53.17	Produtores de Alimentos	65.12	Químicos	24.53
Transporte Industrial	50.86	Serviços Financeiros	61.82	Software e Serviços de Informática	23.91
Construção e Materiais	48.08	Construção e Materiais	50.41	Eletricidade	22.88
Produtores de Petróleo e Gás	43.86	Bebidas	49.56	Aeroespacial e Defesa	22.10
Serviços Financeiros	43.62	Produtores de Petróleo e Gás	45.33	Gás, Água e Multiutilidades	19.43
Metais Industriais e Mineração	39.24	Investimentos Imobiliários e Serviços	39.73	Produtores de Petróleo e Gás	18.60
Investimentos Imobiliários e Serviços	34.76	Metais Industriais e Mineração	39.21	Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	18.38
Seguros Não de Vida	34.26	Seguros Não de Vida	37.96	Varejistas Gerais	17.65
Varejistas Gerais	27.01	Varejistas Gerais	36.40	Investimentos Imobiliários e Serviços	17.51
Equipamentos e Serviços de Saúde	22.69	Software e Serviços de Informática	29.48	Metais Industriais e Mineração	12.75
Energia Alternativa	19.68	Energia Alternativa	22.28	Varejistas de Alimentos e Medicamentos	9.82
Varejistas de Alimentos e Medicamentos	15.55	Equipamentos e Serviços de Saúde	22.27	Equipamentos e Serviços de Saúde	9.44
Software e Serviços de Informática	10.85	Varejistas de Alimentos e Medicamentos	11.10	Energia Alternativa	7.52

Fonte: Estudo do QUIRÓS et al. (2018)

Existem vários aspectos a serem destacados na Tabela 1. Das três esferas ESG, o pilar social tem a maior pontuação média do grupo de empresas listadas na bolsa de valores brasileira, seguido do pilar ambiental e, por fim, o pilar de governança, que, ao contrário dos dois anteriores, é o único que tem uma pontuação geral anual abaixo de 50 pontos, indicando que a governança corporativa é um ponto ainda pouco desenvolvido nas empresas brasileiras. Esse estudo é extremamente interessante, pois traz essa visão completa das empresas brasileiras da amostra em relação à cada pilar ESG.

Como no presente estudo as empresas respondentes da pesquisa foram agrupadas nos setores de:

Como é possível ver pela Tabela 1, o desempenho ambiental é superior a 50 pontos para 13 dos 24 setores de negócios considerados, com as telecomunicações móveis, bebidas, produtos químicos, e os setores aeroespacial

e de defesa se destacando, junto com os bancos, por terem todos uma classificação de mais de 80 pontos. No estudo, QUIRÓS et al. (2018) destaca que as empresas com melhor classificação desses setores são a Tim Participações, Ambev, Braskem, Embraer e Banco do Brasil, respectivamente. Deve-se notar que o desempenho ambiental mede o trabalho da empresa com relação à minimização de recursos, redução de emissões e produtos de inovação. Especificamente, o uso de recursos se refere ao desempenho e capacidade de uma empresa para reduzir o uso de materiais, energia ou água e encontrar soluções mais ecoeficientes, melhorando a gestão da cadeia de abastecimento. Em contraste, a redução de emissões mede o compromisso e eficácia de uma empresa na redução das emissões ambientais na produção e operação processos. A inovação do produto reflete a capacidade de uma empresa de reduzir os custos ambientais e encargos de seus clientes, criando assim oportunidades de mercado por meio de novas tecnologias e processos ou produtos ecológicos.

No que diz respeito ao desempenho social, um pouco mais da metade dos setores empresariais apresentam práticas sociais gerais fortes, uma vez que eles têm uma pontuação superior a 50. Além disso, os setores florestal e de papel, bancos, telecomunicações móveis, e setores aeroespacial e de defesa se destacam, com pontuação superior a 90. Nesse caso, as empresas mais bem avaliadas são Fibria Celulose, Banco do Brasil, Tim Participações e Embraer, respectivamente. O pilar social mede aspectos relativos à qualidade do emprego, respeitando os direitos humanos, o relacionamento com a comunidade, bem como a responsabilidade do produto. Especificamente, mede: a eficácia de uma empresa na criação de satisfação no trabalho, um local de trabalho saudável e seguro, manutenção da diversidade e igualdade de oportunidades; a eficácia de uma empresa em respeitar as convenções fundamentais sobre direitos humanos; o compromisso da empresa em ser um bom cidadão, proteger a saúde pública e respeitar a ética empresarial; a capacidade de uma empresa de produzir qualidade bens e serviços que integram saúde, segurança, integridade e privacidade dos dados do cliente.

Por último, o desempenho da governança corporativa refere-se à gestão da empresa (estrutura e funções do conselho de administração, política de remuneração, entre outras), os direitos dos acionistas, e a visão e estratégia da empresa. Especificamente, ele mede o comprometimento e a eficácia de uma

empresa quando se trata de seguir os princípios de boas práticas de governança corporativa, a eficácia da empresa em relação ao tratamento igualitário dos acionistas e as práticas de a empresa a comunicar informações quanto aos aspectos econômico-financeiros, sociais e ambientais dimensões em seus processos de tomada de decisão. Este nível de desempenho ESG é o mais fraco para as empresas brasileiras listadas, com apenas os bens de uso doméstico e construção e setores florestal e de papel com pontuação superior a 50, sendo Gafisa e Fibria Celulose as empresas mais bem avaliadas em cada setor respectivo. Os demais setores ainda apresentam fragilidades em governança corporativa com pontuações inferiores à 50 pontos.

Como no presente estudo foram utilizados cinco ramos/setores (Agropecuária, Comércio, Construção Civil, Indústria e Serviços) para caracterização da principal atividade das empresas respondentes, agrupou-se os setores do estudo de QUIRÓS et al. (2018) de acordo com os ramos/setores do presente estudo. A tabela e a figura a seguir representam o resultado desse agrupamento para melhor visualização assim como a média geral de cada pilar (Tabela 2) e as médias de cada setor agrupado (Figura 4).

Tabela 2: Desempenho médio ambiental, social e de governança corporativa, por setores do estudo de QUIRÓS et al. (2018) e do presente estudo

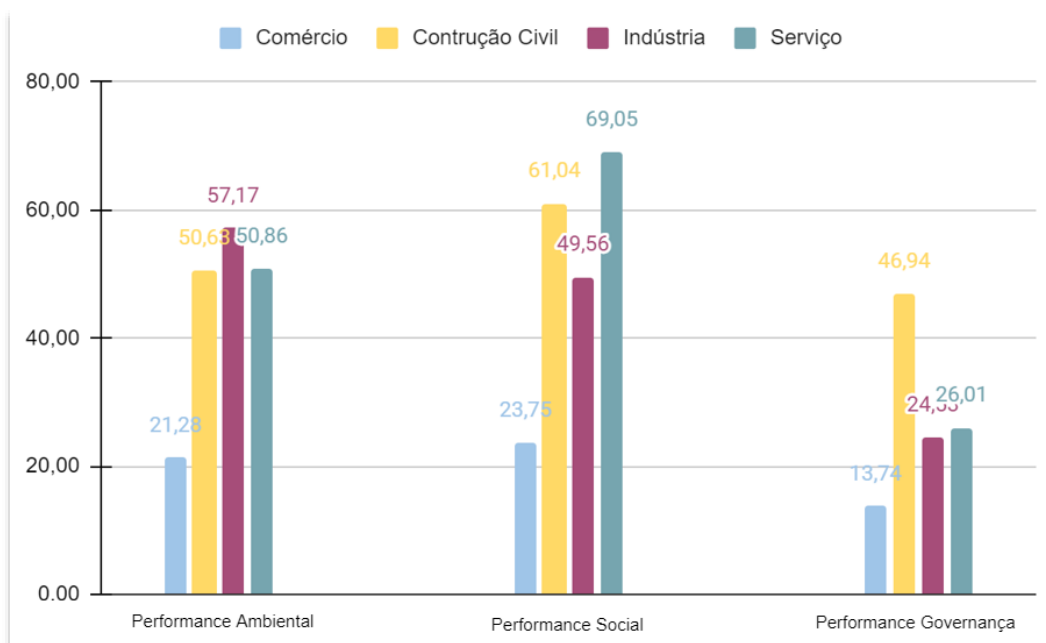
Performance Ambiental			Performance Social			Performance Governança		
Telecomunicações Móveis	Serviço	87,67	Florestal e Papel	Indústria	94,00	Bens Domésticos e Construção	Construção Civil	52,54
Bebidas	Indústria	87,07	Bancos	Serviço	92,90	Florestal e Papel	Indústria	50,37
Químicos	Indústria	86,72	Telecomunicações Móveis	Serviço	91,75	Serviços Financeiros	Serviço	44,38
Aeroespacial e Defesa	Indústria	84,13	Aeroespacial e Defesa	Indústria	91,60	Construção e Materiais	Construção Civil	41,33
Bancos	Serviço	81,61	Químicos	Indústria	84,67	Bancos	Serviço	37,32
Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	Indústria	78,07	Gás, Água e Multiutilidades	Serviço	79,13	Bens Pessoais	Indústria	36,48
Florestal e Papel	Indústria	74,02	Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	Indústria	75,28	Telecomunicações Móveis	Serviço	32,74
Bens Pessoais	Indústria	66,22	Bens Domésticos e Construção	Construção Civil	71,67	Transporte Industrial	Serviço	29,53
Eletricidade	Serviço	60,89	Eletricidade	Serviço	71,17	Produtores de Alimentos	Indústria	27,23
Produtores de Alimentos	Indústria	54,08	Bens Pessoais	Indústria	10,11	Bebidas	Indústria	26,53
Gás, Água e Multiutilidades	Serviço	53,18	Transporte Industrial	Serviço	66,93	Seguros Não de Vida	Serviço	26,01
Bens Domésticos e Construção	Construção Civil	53,17	Produtores de Alimentos	Indústria	65,12	Químicos	Indústria	24,53
Transporte Industrial	Serviço	50,86	Serviços Financeiros	Serviço	61,82	Software e Serviços de Informática	Serviço	23,91
Construção e Materiais	Construção Civil	48,08	Construção e Materiais	Construção Civil	50,41	Eletricidade	Serviço	22,88
Produtores de Petróleo e Gás	Indústria	43,86	Bebidas	Indústria	49,56	Aeroespacial e Defesa	Indústria	22,10
Serviços Financeiros	Serviço	43,62	Produtores de Petróleo e Gás	Indústria	45,33	Gás, Água e Multiutilidades	Serviço	19,43
Metais Industriais e Mineração	Indústria	39,24	Investimentos Imobiliários e Serviços	Serviço	39,73	Produtores de Petróleo e Gás	Indústria	28,60
Investimentos Imobiliários e Serviços	Serviço	34,76	Metais Industriais e Mineração	Indústria	39,21	Equipamentos Eletrônicos e Elétricos	Indústria	18,38
Seguros Não de Vida	Serviço	34,26	Seguros Não de Vida	Serviço	37,96	Varejistas Gerais	Comércio	17,65
Varejistas Gerais	Comércio	27,01	Varejistas Gerais	Comércio	36,40	Investimentos Imobiliários e Serviços	Serviço	17,51
Equipamentos e Serviços de Saúde	Indústria	22,69	Software e Serviços de Informática	Serviço	29,48	Metais Industriais e Mineração	Indústria	12,75
Energia Alternativa	Indústria	19,68	Energia Alternativa	Indústria	22,28	Varejistas de Alimentos e Medicamentos	Comércio	9,82
Varejistas de Alimentos e Medicamentos	Comércio	15,55	Equipamentos e Serviços de Saúde	Indústria	22,27	Equipamentos e Serviços de Saúde	Indústria	9,44
Software e Serviços de Informática	Serviço	10,85	Varejistas de Alimentos e Medicamentos	Comércio	11,10	Energia Alternativa	Indústria	7,52
Média Final Ambiental		52,02	Média Final Social		56,12	Média Final Governança		25,27

Fonte: Própria

Pela Tabela 2 percebe-se uma maior presença de empresas no setor de indústria com 11 das 24 empresas. Em seguida do setor de serviços com 9 empresas e por fim comércio e construção civil com um total de 2 empresas. Além disso, vê-se que nenhuma empresa do estudo de QUIRÓS et al. (2018) foi agrupada no setor de agropecuária.

As médias totais finais também confirmam as conclusões presentes no estudo de QUIRÓS et al. (2018): que as empresas brasileiras possuem melhores performances em práticas Sociais (56,12), seguido das Ambientais (52,02) e por último, com uma média bem mais abaixo que as outros dois pilares anteriores, as práticas em Governança.

Figura 4: Agrupamento dos setores e médias das notas



Fonte: Própria

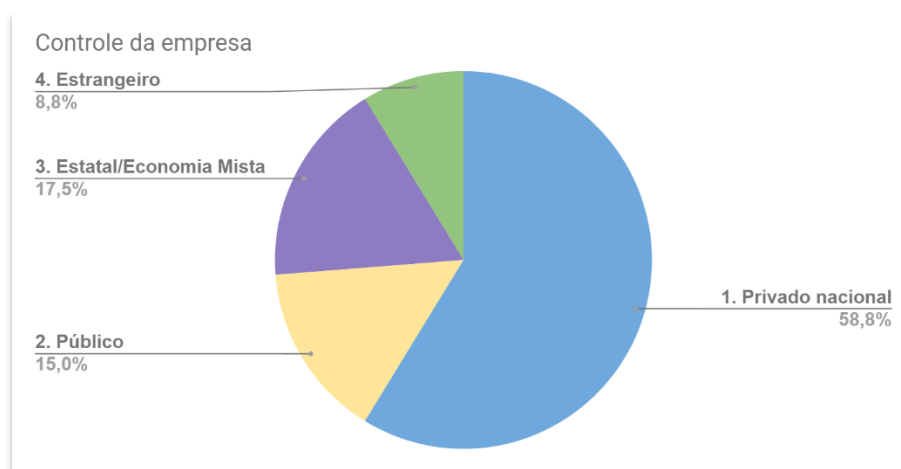
A Figura 4 facilita a visualização da média de cada setor. Percebe-se que no pilar ambiental o setor de indústria possui a maior média, porém ficou abaixo dos 50 pontos nas outras dois pilares. O setor de Serviço mostrou grande destaque em relação às práticas Sociais e ficou com média acima de 50 nas práticas ambientais também, mostrando uma fraqueza apenas nas práticas de governança. O mesmo vale para o setor de construção civil, que atingiu maiores médias no pilar social seguida da ambiental, ademais se apresentou como o

setor com a melhor pontuação média no pilar de governança, apesar de ainda apresentar um resultado inferior à 50. Por fim, o setor de comércio possui as menores médias em todas os pilares.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1. Parte 1: Perfil da Empresa

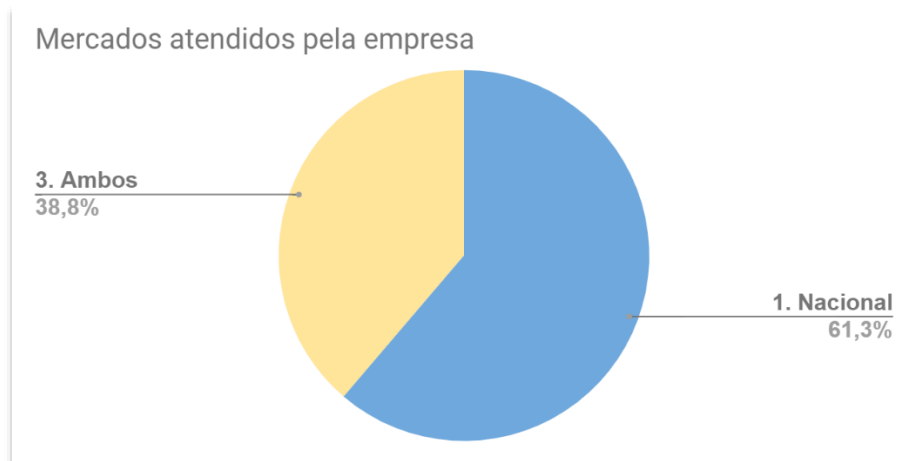
Figura 5 Tipo de Controle da Empresa das Empresas Respondentes



Fonte: Própria

É possível perceber pela Figura 5 acima que a maioria dos participantes da pesquisa possuíam empresas com controle privado nacional, ou seja, empresas privadas com fins lucrativos, seguido de estatal/economia mista, público e por último estrangeiro.

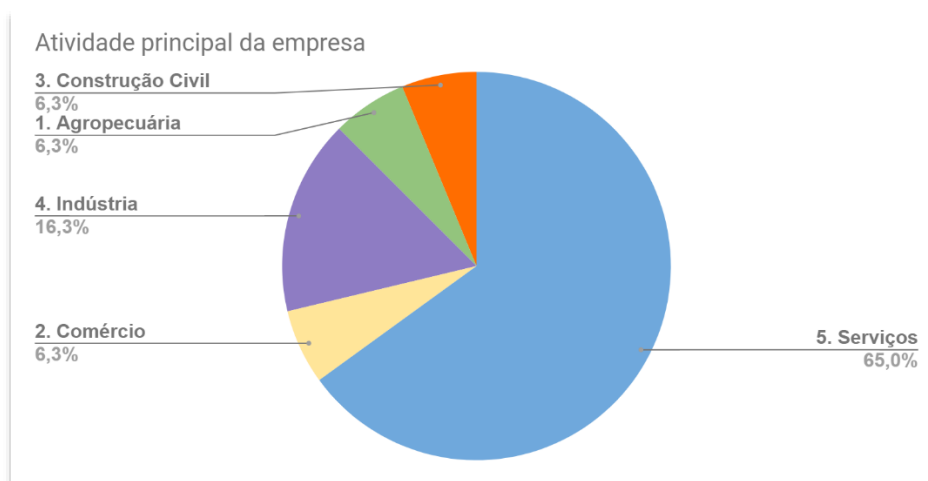
Figura 6: Tipo de Mercados Atendidos das Empresas Respondentes



Fonte: Própria

Pela Figura 6, observa-se 61,3% das empresas atuam apenas no mercado nacional e os outros 38,8% tanto no mercado nacional quanto internacional. É importante analisar que empresas com atuação no mercado internacional podem ter maiores responsabilidades em termos ambientais, sociais e de governança uma vez que atua em mais de um país. A questão da distância em si já é um pouco para as empresas se preocuparem com o maior nível de emissão de gás carbônico no planeta. Além disso, se possuírem comercialização de produtos, todo o ciclo de vida do produto deve ser pensado com mais cautela já que diferentes países podem ter diferentes políticas para lidar com os descartes.

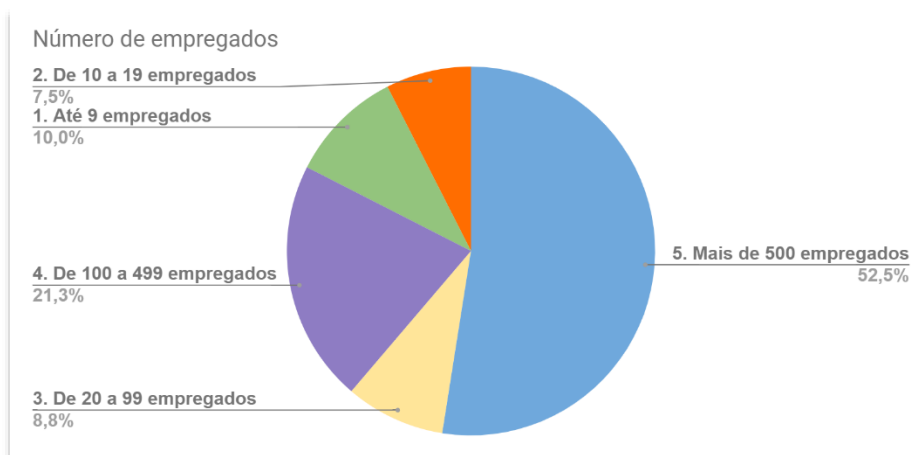
Figura 7: Tipo de Atividade Principal das Empresas Respondentes



Fonte: Própria

Analisando a Figura 7, percebe-se que no setor de serviços é onde encontra-se a maioria das empresas respondentes, com 65% das empresas com principal atividade pertencendo à categoria de serviços. Esse dado é extremamente importante e é necessário ser analisado com cautela uma vez dentro de serviços exige uma gama de atividades podendo umas influenciarem bem mais o meio-ambiente do que a outra, por exemplo. Se pensarmos que um escritório que presta um serviço de marketing de forma remota está na mesma categoria que uma empresa de delivery que emite uma quantidade de gás carbônico elevada todos os dias, por exemplo, isso poderá influenciar nas respostas relacionadas ao pilar ambiental, porém como os dados foram tratados de forma global e anônima esses pontos apenas ficam como reflexões.

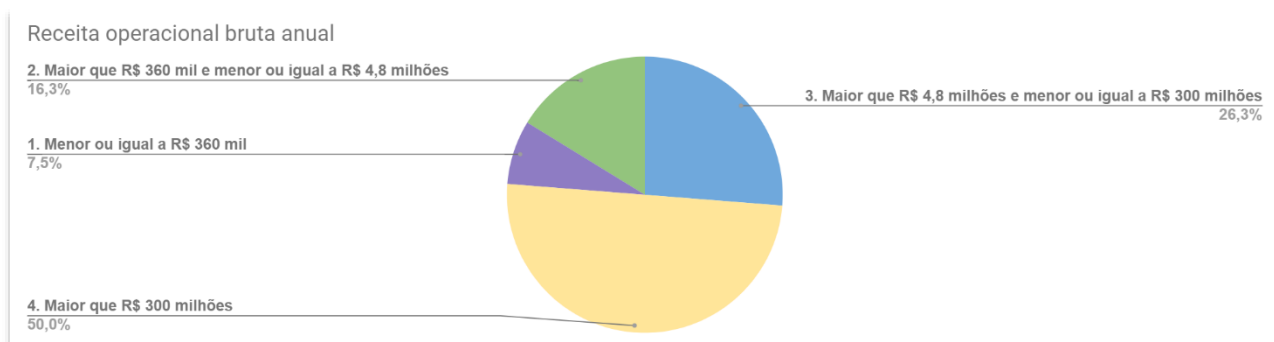
Figura 8: Quantidade de Empregados das Empresas Respondentes



Fonte: Própria

Pela figura acima é possível analisar a quantidade de empregados das empresas respondentes.

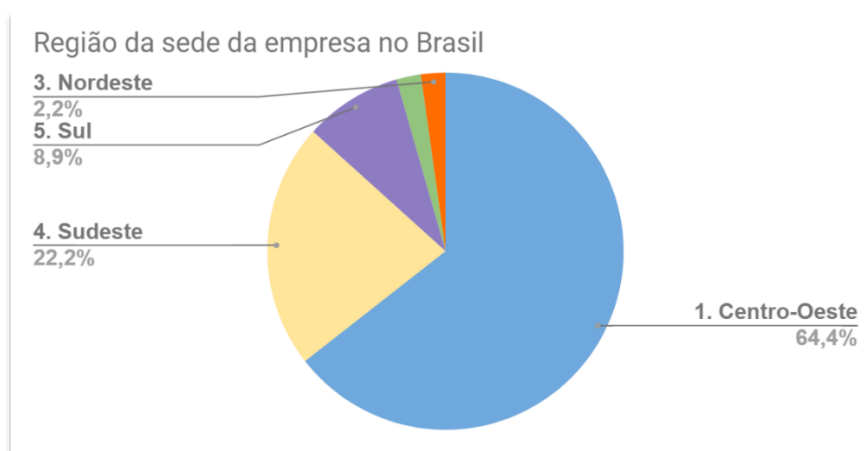
Figura 9: Receita Operacional Bruta Anual das Empresas Respondentes



Fonte: Própria

Diante das figuras 8 e 9, percebe-se que a maioria das empresas respondentes possuem mais de 500 empregados (52,5%) e receita operacional bruta anual maior que R\$ 300 milhões (50%). Sendo assim, pode-se concluir que metade das empresas respondentes pertencem a categoria de grande empresa de acordo com a classificação de porte da BNDES. A outra metade das empresas estão mais segmentadas, com 21,3% possuindo entre 100 e 499 empregados, 8,8% de 20 a 99 empregados, 10% até 9 empregados e por fim 7,5% possuindo de 20 a 99 empregados. Em relação ao faturamento bruto anual, 26,3% possuem faturamento maior que 4,8 milhões e menor ou igual a R\$ 300 milhões, 16,3% faturamento maior que R\$ 360 mil e menor ou igual a R\$ 4,8 milhões e por fim 7,5% faturamento menor ou igual a R\$ 360 mil reais. Diante disso, percebe-se que existe uma grande variedade de tamanhos de empresas e que não é possível relacionar número de funcionários com receita operacional bruta anual.

Figura 10: Região da sede no Brasil das Empresas Respondentes

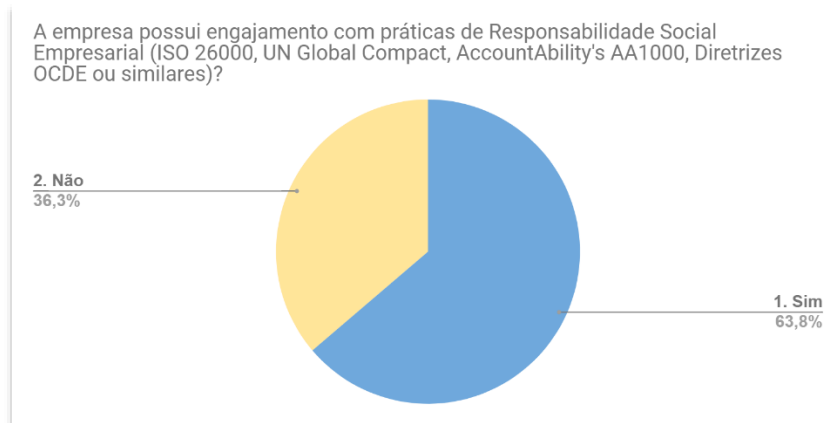


Fonte: Própria

É possível perceber pela Figura 10 que mais da metade das empresas respondentes (64,4%) pertencem a região Centro-Oeste do Brasil. Além disso, empresas de todas as regiões do país com exceção do norte estão presentes na pesquisa apesar que em menor quantidade.



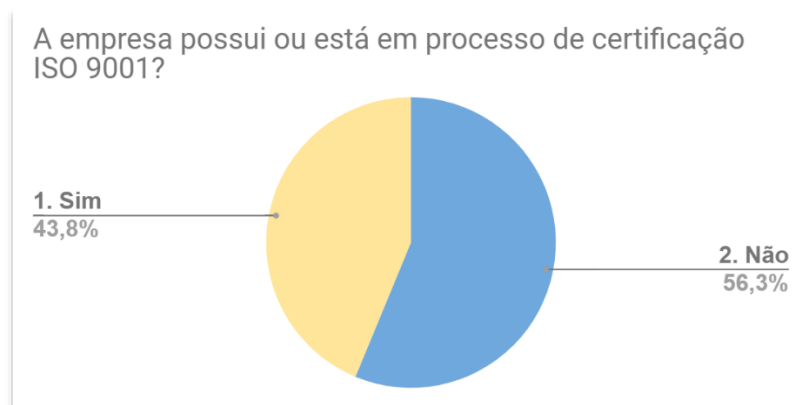
Figura 11: Engajamento das Empresas Respondentes com práticas de Responsabilidade Social Empresarial



Fonte: Própria

Pela figura acima é possível analisar engajamento das empresas respondentes com práticas de responsabilidade social empresarial.

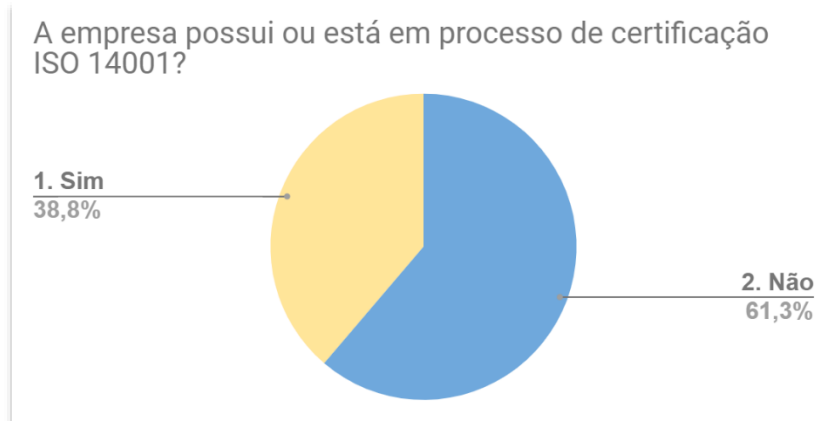
Figura 12: Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 9001



Fonte: Própria

Pela Figura 12 acima é possível analisar Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 9001.

Figura 13: Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 14001



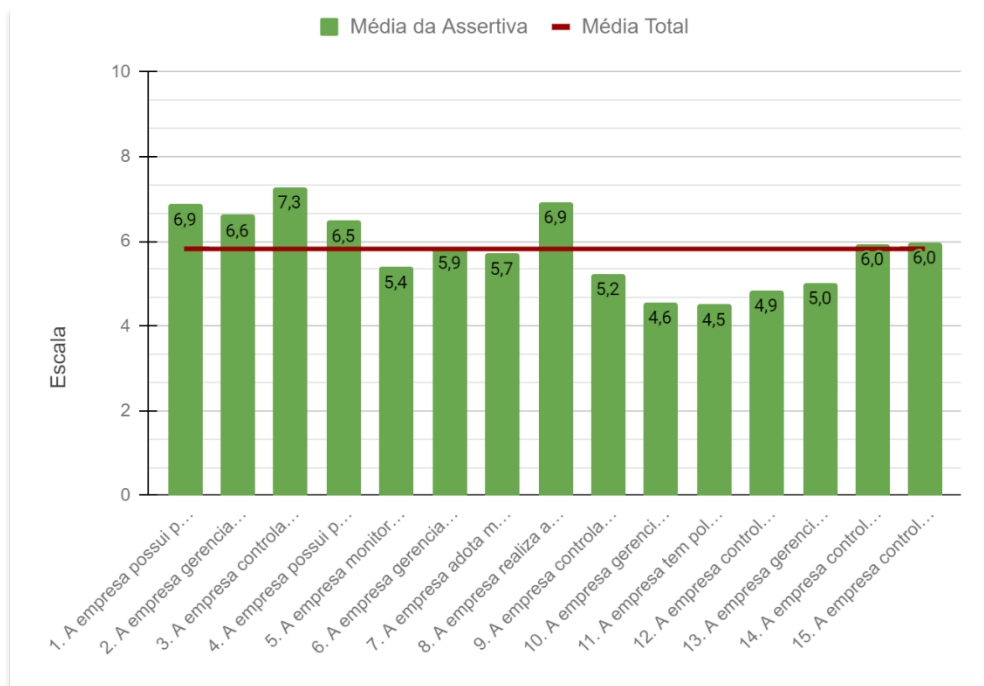
Fonte: Própria

Pela Figura 13 é possível analisar Engajamento das Empresas Respondentes com a ISO 14001.

Observado todas as figuras, em relação à figura 10 de engajamento das empresas com práticas responsabilidade social empresarial, é possível notar que mais da metade das empresas (63,8%) responderam que possuem engajamento sim. Por outro lado, a grande maioria 56,3% e 61,3% não possuem e/ou não estão em processo de obtenção da certificação da ISO 9001 - norma que garante o padrão de qualidade dos processos e produtos de uma empresa - e da ISO 14001 - norma que especifica os requisitos para garantia de um sistema de gestão ambiental dentro da empresa - respectivamente. Esse dado permite se questionar se as empresas respondentes de fato não possuem por não correrem atrás ou se não possuem conhecimento dessas ISOs e por isso nunca foram atrás. Além disso, é possível questionar mais um ponto em relação aos custos x benefícios associados a possuir a certificação. De certa forma, o custo associado à certificação pode ser um dos principais impeditivos das empresas quererem dedicar tempo e esforço a isso. Dado que outras divulgações podem ser mais interessantes aos olhos dos consumidores e investidores.

## 5.2. Parte 2: Práticas “Ambiental”

Figura 14: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “E”



Fonte: Própria

A parte do questionário relacionada às práticas ambientais possuía 15 assertivas que os respondentes deveriam julgar conforme o grau de conformidade, como já explicado anteriormente, que variava de 0 a 10. O gráfico acima apresenta a média das respostas de cada assertiva, ou seja, somatório de todas as respostas para uma assertiva dividido pelas 80 respostas e a média total que foi calculada com base em todas as respostas de todas as assertivas. O nível de concordância médio ficou sendo 5,8, um valor relativamente baixo se comparado com o estudo feito por QUIRÓS et al. (2018) que trazia 14 dos 24 setores com pontuações acima de 50, ou seja, com práticas ambientais fortes.

Além disso, percebe-se que as assertivas 10, 11 e 12 que falam respectivamente: “A empresa gerencia a porcentagem de produtos recuperados e seus materiais de embalagem para cada categoria de produto”; “A empresa tem políticas de implementação de modelos de economia circular (o princípio da EC é manter o maior tempo possível os materiais de um produto em uso, como reaproveitamento ou reciclagem na mesma ou em outra linha de produção, minimizando a produção de resíduos e a necessidade de novos recursos (PINHEIRO et al., 2018)”; e “A empresa controla para cada local operacional

próprio, alugado, administrado ou adjacente as áreas protegidas e áreas de alto valor de biodiversidade fora das áreas protegidas” apresentam a menor média em comparação com todas as assertivas.

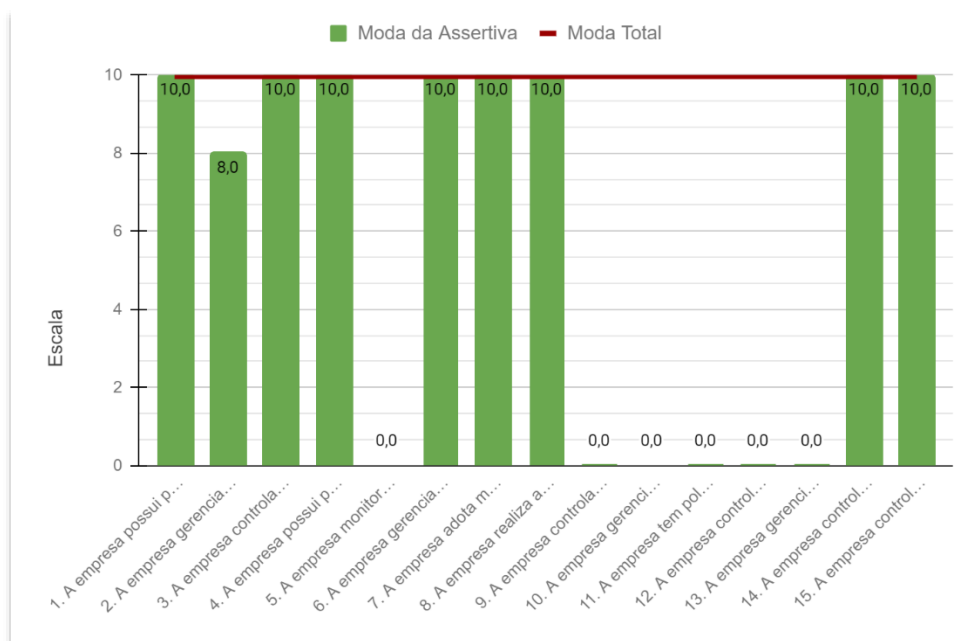
Olhando mais especificamente para a assertiva 11 - A empresa tem políticas de implementação de modelos de economia circular (o princípio da EC é manter o maior tempo possível os materiais de um produto em uso, como reaproveitamento ou reciclagem na mesma ou em outra linha de produção, minimizando a produção de resíduos e a necessidade de novos recursos (PINHEIRO et al., 2018) - o princípio de economia circular é extremamente importante para o meio ambiente tendo em vista que fala do melhor reaproveitamento dos recursos naturais e propõe uma quebra do modelo linear de extrair o recurso, produzir o produto e descartá-lo, ou seja, o conceito de economia circular está associado ao uso dos materiais no final de vida, no qual o termo resíduo não existe (STAHEL, 2010). Entretanto teve a média de grau de concordância mais baixa com 4,5. Além disso, STAHEL (2010), aponta que esta abordagem tem como meta possibilitar que sistemas industriais operem diminuindo a procura por matérias-primas, consumo de energia e a produção de resíduos, logo, a degradação ambiental, promovendo simultaneamente a eficiência económica.

Como forma de agregar às empresas respondentes que indicaram pouca concordância com a assertiva 11, foi feita uma análise da empresa Suzano que atua no setor de papel e celulose para identificar suas práticas relacionadas à economia circular. De acordo com seu relatório anual referente ao ano de 2020 (SUZANO, 2020), uma grande preocupação da Suzano sempre foi desenvolver produtos com o menor impacto ambiental possível e trazer soluções ao mercado que tenham por trás uma visão sistêmica, pautada em fatos e dados. Por isso, a empresa utiliza em avaliações e desenvolvimento de produtos ferramentas como Análise de Ciclo de Vida - uma ferramenta reconhecida internacionalmente, e que a abordagem promove uma avaliação cautelosa do potencial de impacto dos produtos, considerando todo o seu processo produtivo, desde a extração das matérias-primas até, possivelmente, o descarte dos produtos, permitindo uma visão ampla de causa e consequência -. Com isso, a Suzano pauta em seus processos de inovação qual a melhor rota a ser seguida. Um exemplo aplicado disso dentro da Suzano, foi um projeto que eles fizeram para reinserção de fibras pós-consumo

de papel-cartão na produção de seus fornecedores de caixas de papelão, que são posteriormente utilizadas para embalar remessas da Suzano (SUZANO, 2020).

Olhando para as assertivas com os melhores resultados, tem-se que as assertivas 3 e 8 tiveram o maior grau de concordância sendo 7,3 e 6,9 as médias delas respectivamente, sendo assim, percebe-se que as empresas possuem um bom controle de multas e de outras formas de sanções por não conformidade com leis e/ou regulamentos ambientais e as empresas realizam uma boa gestão de resíduos sólidos visando a diminuição do descarte. Apesar do alto grau de concordância, esse resultado pode ser devido à um motivo maior que a preocupação com o ambiente. De certa forma essas assertivas possuem um viés econômico e que talvez o controle seja uma preocupação maior com gastos futuros do que de fato uma preocupação ambiental.

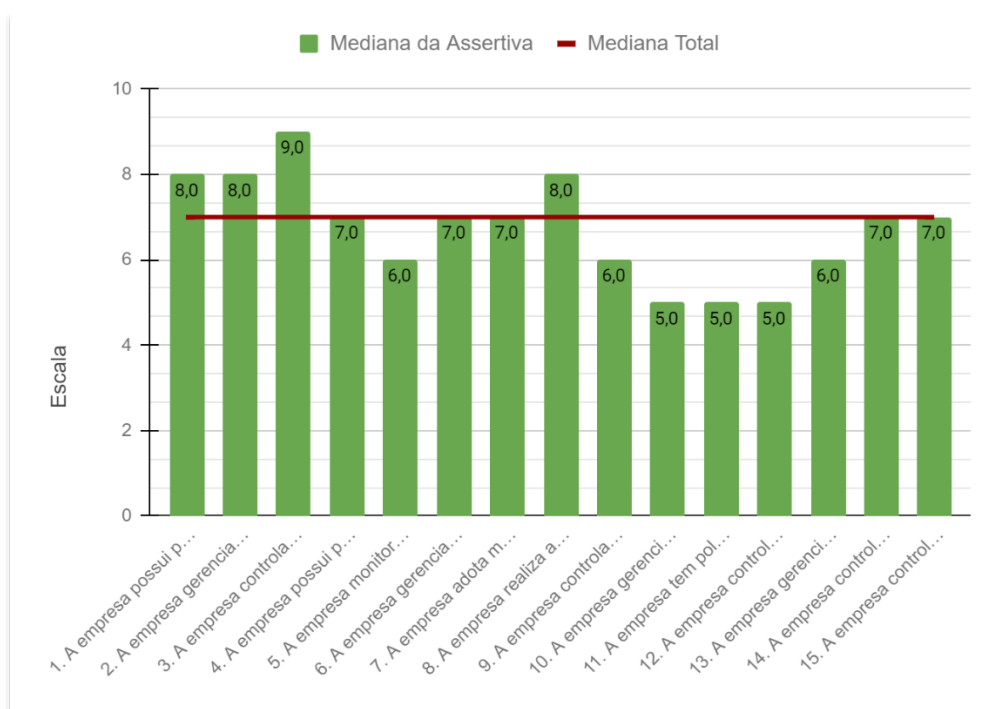
Figura 15: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “E”



Fonte: Própria

Em relação à moda das assertivas do pilar ambiental, observa-se a presença de dois resultados de extremos opostos – 10 e 0. As assertivas 1,3,4,6,7,8,14 e 15 possuíram moda igual a 10, a assertiva 2 apenas teve moda igual a 8 e as assertivas 5,9,10,11,12,13 possuíram moda igual a zero. Observa-se também que a moda de todas as assertivas foi igual a 10, ou seja, o valor mais frequente no conjunto de respostas foi o número 10. Sendo assim, conclui-se que muitas empresas apresentavam alto grau de conformidade com a assertiva.

Figura 16: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “E”



Fonte: Própria

Analisando a mediana das assertivas do âmbito ambiental percebe-se que as medianas variaram consideravelmente de assertiva para assertiva. Ademais, o gráfico da mediana é proporcional ao gráfico da média, já que quanto maior a mediana maior é a média também. A mediana total do pilar “E” ficou igual a 7. Um valor relativamente alto, pensando que metade das notas ficaram acima de 7 e a outra metade abaixo de 7.

Tabela 3: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “E”

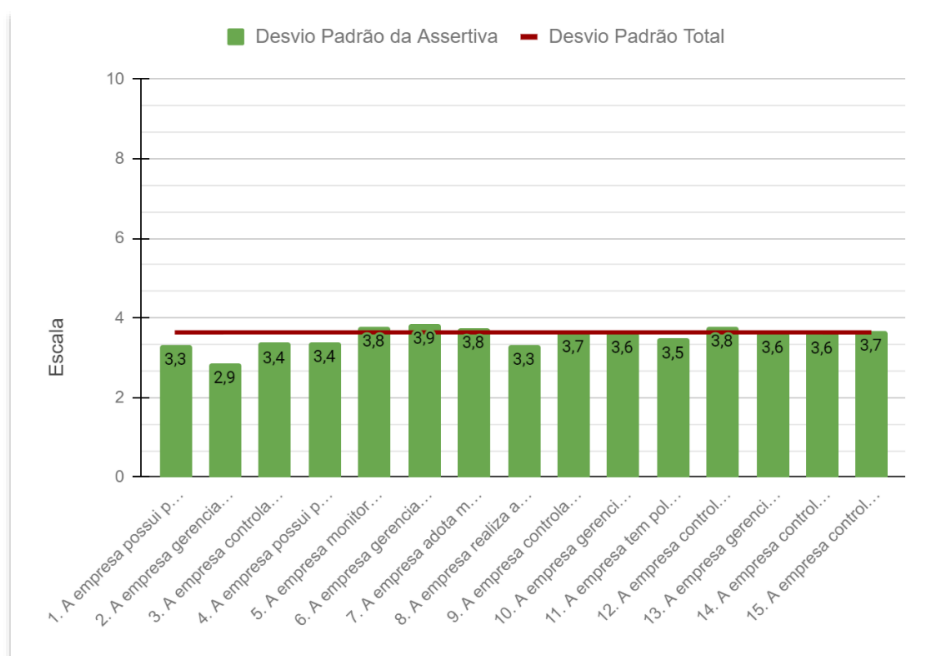
Nível de Concordância	Quantidade de Respostas
10	258
9	98
8	174
7	108
6	73
5	91
4	50
3	49
2	49

1	38
0	212

Fonte: Própria

Pela Tabela 3 conseguimos ter uma melhor visualização da quantidade de respostas em relação ao grau de concordância. É interessante observar também pela tabela 3 a quantidade de respostas 10 e 0. Muitas empresas com os maiores níveis de concordância, porém muitas sem nenhum tipo de concordância com as assertivas.

Figura 17: Desvio Padrão das Assertivas Relacionadas ao pilar “E”



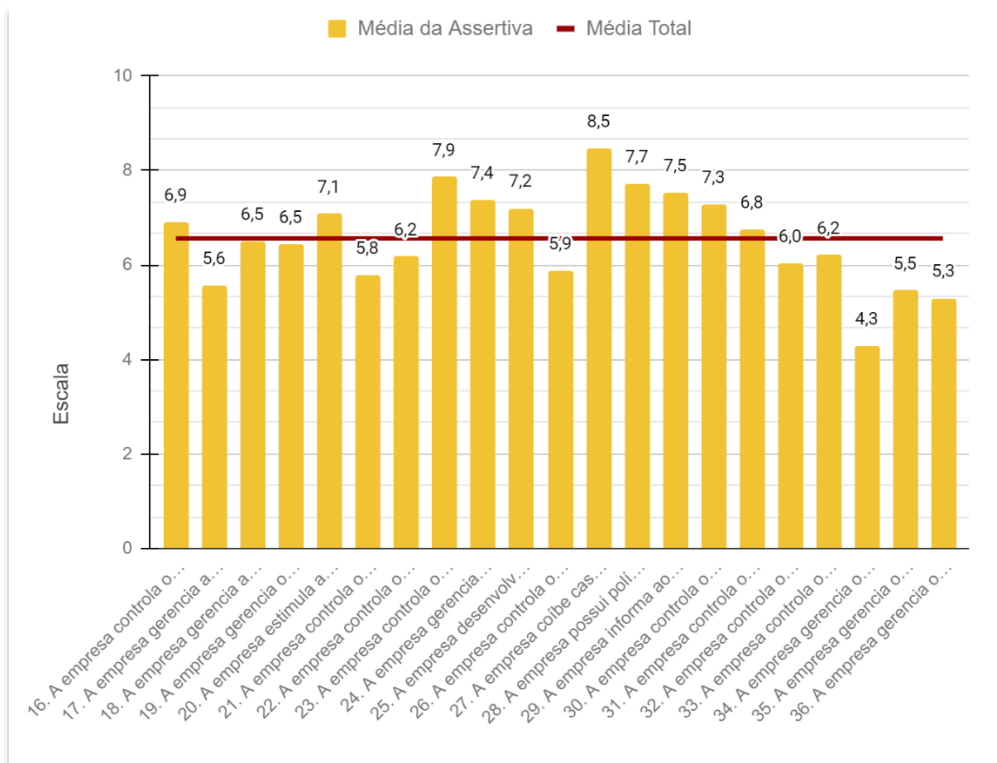
Fonte: Própria

Já em relação ao desvio padrão observa-se que os desvios padrões de todas as assertivas ficaram bem parecidos variando entre 2,9 e 3,9. Além disso, o desvio padrão total de todas as notas foi igual a 3,6. Isso explica a discrepância dos níveis de concordância, já que as notas tiveram uma variância de 3,6 graus de concordância em relação à média “E” de 5,8. Percebe-se também que a assertiva com o maior grau de dispersão entre as notas foi a assertiva 6 - A empresa gerencia o número e volume total de derramamentos de resíduos no meio ambiente – com 3,9 de desvio padrão e a com menor grau de dispersão e maior concordância entre as notas a assertiva 2 - A empresa gerencia a natureza dos impactos diretos e

indiretos significativos sobre a biodiversidade, sociedade e ambiente como um todo – com 2,9 desvio padrão.

### 5.3. Parte 2: Práticas “Social”

Figura 18: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “S”



Fonte: Própria

A parte do questionário relacionada às práticas sociais possuía 21 assertivas que os respondentes deveriam julgar conforme o grau de conformidade, como já explicado anteriormente, que variava de 0 a 10. O gráfico acima apresenta a média das respostas de cada assertiva, ou seja, somatório de todas as respostas para uma assertiva dividido pelas 80 respostas e a média total que foi calculada com base em todas as respostas de todas as assertivas. O nível de concordância médio ficou sendo 6,9, 1,1 pontos acima da média das práticas ambientais.

É possível observar alguns resultados interessantes. A assertiva 34 que diz respeito do gerenciamento da empresa em relação ao número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas apresenta a média mais baixa com valor igual a 4,3. Esse dado é curioso, pois as empresas



podem não ter parado para pensar no impacto de suas atividades em relação aos povos indígenas ou simplesmente a atividade delas não influencia esses povos.

Como FREEMAN (2010), um dos autores pioneiros a tratar do tema de gestão de stakeholders, afirma que os stakeholders devem ser considerados como parte da estratégia de negócio, não sendo possível analisar o mundo dos negócios de forma isolada ao mundo da ética e da política, e sabe-se que a gestão de stakeholders envolve uma gama de atores, incluindo povos indígenas, é interessante analisar práticas de algumas empresas. A empresa Natura que atua no setor de cosméticos, se destaca em sua gestão e preocupação com os povos indígenas. Em seu relatório anual de 2020 (NATURA, 2020), a empresa destaca que o relacionamento com povos indígenas está inserido nos instrumentos, processos e diretrizes da sua relação com populações tradicionais. A empresa Natura inclusive mantém relacionamento com o grupo indígena Cinta Larga na região de Aripuanã, no Mato Grosso, mesma região em que está situada a Cooperativa dos Agricultores do Vale do Amanhecer (Coopavam), comunidade fornecedora de castanha do Brasil e parceira da Natura há anos. Em 2019, a empresa divulgou que não houve registro de incidentes envolvendo populações indígenas nos locais em que a empresa atua.

Além disso, a assertiva 35 que diz a respeito do gerenciamento da empresa em relação ao número total de horas dedicadas a treinamento em políticas de direitos humanos ou procedimentos relativos a aspectos de direitos humanos relevantes para as operações ficou com média igual a 5,5. Pensando no contexto atual que estamos e na importância desses assuntos esse valor ficou baixo. A empresa Lojas Renner que atua no setor de varejo publicou em seu relatório anual de 2020 que foi realizado diversos treinamentos para colaboradores e lideranças sobre assuntos relevantes ao tema como vieses inconscientes, racismo, discriminação, assédio, entre outros. Além disso, todos os colaboradores devem ler e declarar conhecer o código no momento de sua contratação, ou sempre que o documento for atualizado, e também contam com treinamentos sobre o Código na Universidade Renner, uma plataforma da empresa para fornecer aos colaboradores informações e aprendizados constantes.

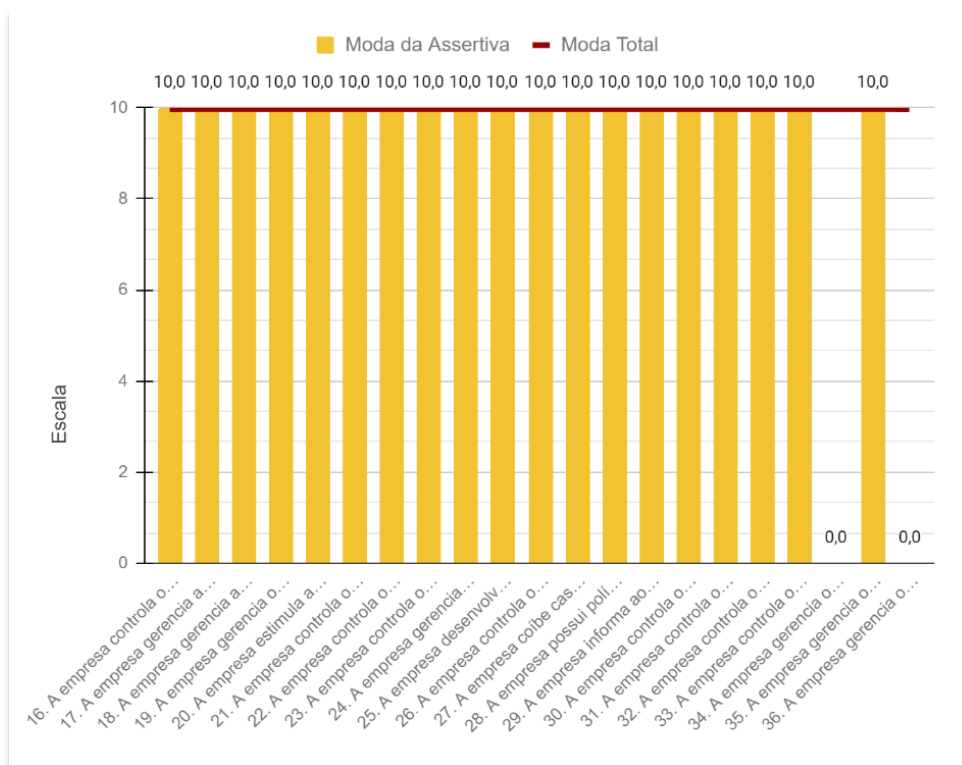
Olhando para as assertivas com os melhores resultados, tem-se que as assertivas 23, 27 e 28 tiveram o maior grau de concordância sendo 7,9, 8,5 e 7,7 as médias delas respectivamente, sendo assim, pode-se perceber que as

empresas controlam o número total de reclamações comprovadas recebidas relativas a violações de privacidade do cliente (assertiva 23). Em relação à essa assertiva, vê-se um movimento crescente de proteção à privacidade dos clientes, ainda mais com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) de 2018. As Lojas Renner, por exemplo, em 2020 concluíram a implantação do projeto de adaptação à LGPD, com entregas importantes como: aprimoramento do processo de prevenção de vazamento de dados, *roadmap* de conscientização dos colaboradores e implantação de mais de 30 normas voltadas à proteção de dados e segurança da informação (LOJAS RENNER S.A., 2021).

Em relação à assertiva 27 com a maior média, percebe-se que as empresas apresentaram elevado grau de concordância, ou seja, vê-se um compromisso delas em coibir casos de discriminação em suas instalações e que as empresas no geral possuem políticas de melhoria da qualidade de vida para os seus colaboradores e a comunidade (assertiva 28). Em relação à essa última assertiva é extremamente importante as empresas estarem voltando esforços tanto para seus colaboradores internamente quanto para a sociedade, pensando bastante nesse envolvimento das empresas com o mundo ao seu redor também.

Observa-se diversas empresas já promovendo ações com a comunidade. A Natura, por exemplo, conta com uma estratégia de atuação para as comunidades do entorno de suas principais operações no Brasil (NATURA, 2020). Com o objetivo de gerar inclusão econômica, melhorar o acesso à educação e promover a diversidade. Para alcançar esses objetivos e gerar cada vez mais impacto positivo nessas localidades, a empresa aposta no diálogo e na atuação conjunta com as populações e outros atores locais, como instituições da sociedade civil e governos (NATURA, 2020).

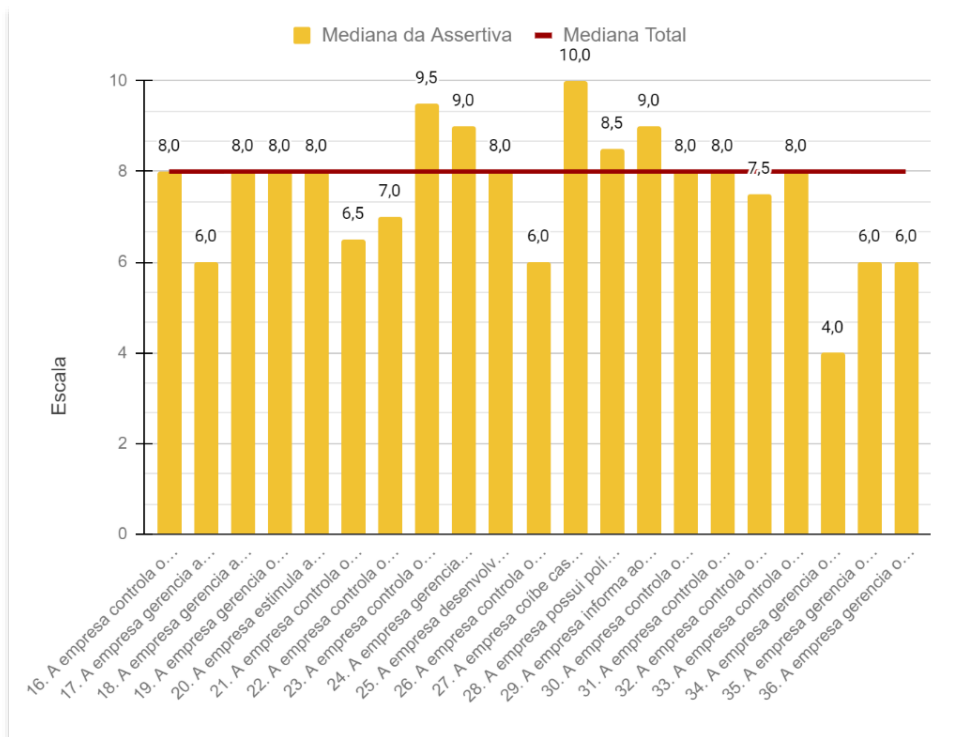
Figura 19: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “S”



Fonte: Própria

Em relação à moda das assertivas do pilar social, observa-se a presença de dois resultados de extremos opostos também – 10 e 0. Com exceção das assertivas 34 e 36 que a mediana foi igual 0, a mediana de todas as outras assertivas foram iguais a 10. Deixando a mediana total também igual a 10. Sendo assim, percebe-se que muitas empresas apresentavam total grau de conformidade com várias assertivas.

Figura 20: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “S”



Fonte: Própria

Analisando a mediana das assertivas do âmbito social percebe-se que as medianas variaram bem de assertiva para assertiva. Percebe-se também que o gráfico da mediana é proporcional ao gráfico da média, já que quanto maior a mediana maior é a média também. A mediana total do pilar “S” ficou igual a 8. Um valor alto, pensando que metade das notas ficaram acima de 8 e a outra metade abaixo de 8.

Tabela 4: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “S”

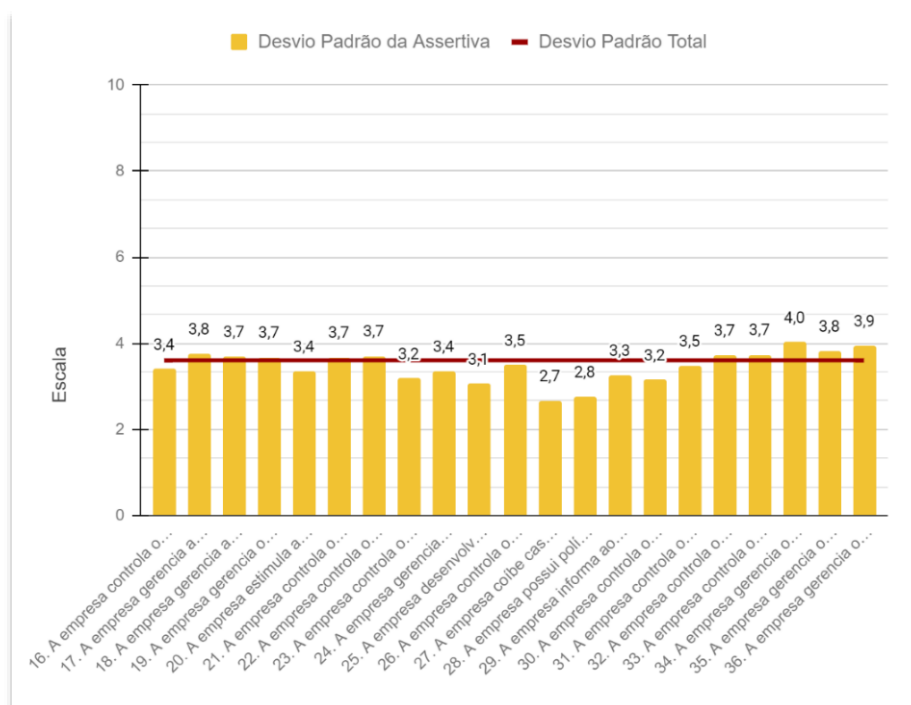
Nível de Concordância	Quantidade de Respostas
10	543
9	177
8	196
7	108
6	81
5	129
4	52

3	64
2	45
1	61
0	224

Fonte: Própria

Pela Tabela 4 conseguimos ter uma melhor visualização da quantidade de respostas em relação ao grau de concordância. Percebe-se um grande volume de notas concentradas no grau de conformidade 10.

Figura 21: Desvio Padrão das Assertivas Relacionadas ao pilar “S”



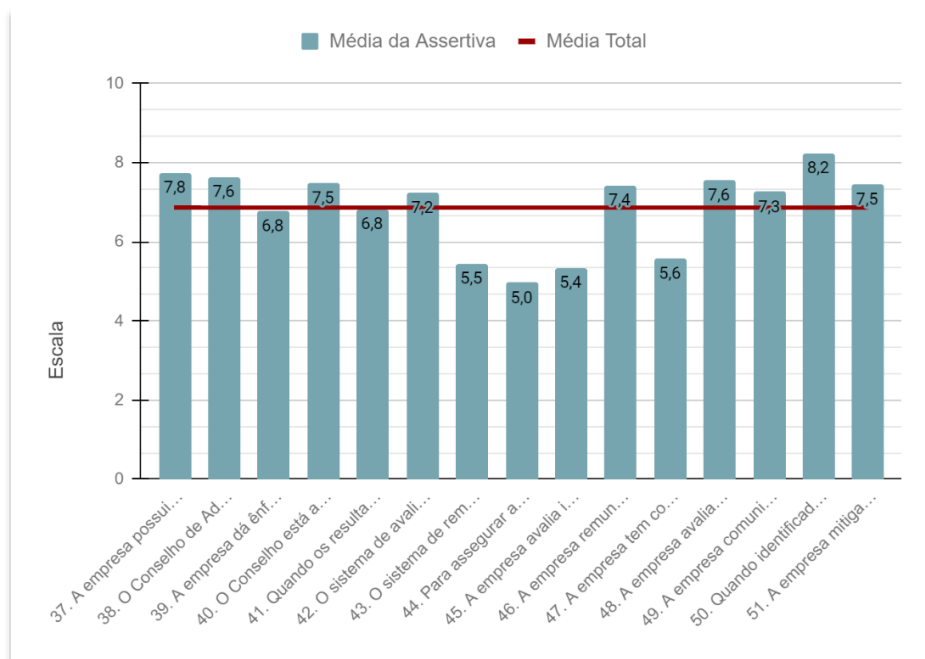
Fonte: Própria

Em relação ao desvio padrão observa-se que os desvios padrões de todas as assertivas ficaram bem parecidos variando entre 2,7 e 4,0. Além disso, o desvio padrão total de todas as notas foi igual a 3,6, mesmo valor observado no pilar ambiental. É interessante analisar que as assertivas 27 - A empresa coíbe casos de discriminação em suas instalações - e 28 - A empresa possui políticas de melhoria da qualidade de vida para os seus colaboradores e a comunidade - possuíram as maiores médias e os menores graus de dispersão (2,7 e 2,8) representando um maior número de empresas respondentes com graus de conformidades parecidos

em relação à essas duas práticas, já que o valor variou um pouco em relação à média. E a assertiva 34 - A empresa gerencia o número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas - possuiu o maior grau de dispersão com 4,0 de desvio padrão.

#### 5.4. Parte 4: Práticas “Governança (Corporativa)”

Figura 22: Média das Assertivas Relacionadas ao pilar “G”



Fonte: Própria

A parte do questionário relacionada às práticas de governança corporativa possuía 15 assertivas que os respondentes deveriam julgar conforme o grau de conformidade, como já explicado anteriormente, que variava de 0 a 10. O gráfico acima apresenta a média das respostas de cada assertiva, ou seja, somatório de todas as respostas para uma assertiva dividido pelas 80 respostas e a média total que foi calculada com base na média de todas as respostas de todas as assertivas. O nível de concordância médio ficou sendo 6,9, sendo a maior média em comparação aos outros pilares “E” e “S”. Um valor relativamente alto se comparado com o estudo feito por QUIRÓS et al. (2018) que concluiu que o desempenho G era o mais fraco para as empresas brasileiras listadas na pesquisa, com apenas 2 dos 24 setores com notas superiores a 50 – notas acima de 50 representavam práticas fortes em relação ao pilar ESG em questão. Além disso, esses dois setores

apresentavam médias bem próximas a pontuação limite 50. Os demais setores apresentaram maiores fragilidades em governança corporativa com pontuações inferiores à 50 pontos. Percebe-se que no nosso estudo as empresas apresentavam maiores práticas de governança corporativa com nenhuma das assertivas com médias inferiores à 5. Essa diferença pode ser explicada por diversos motivos, seja diferença de portes/perfis de empresas, pelo número da amostra ou pelo fato de o estudo em questão contemplar diversas empresas e não apenas as listadas na bolsa. Além disso, o fato de que o termo “Governança Corporativa” ser extremamente recente, pensar que antes de ESG ele ainda não tinha sido apresentado como um pilar único. Esse ponto será melhor explorado nas considerações finais.

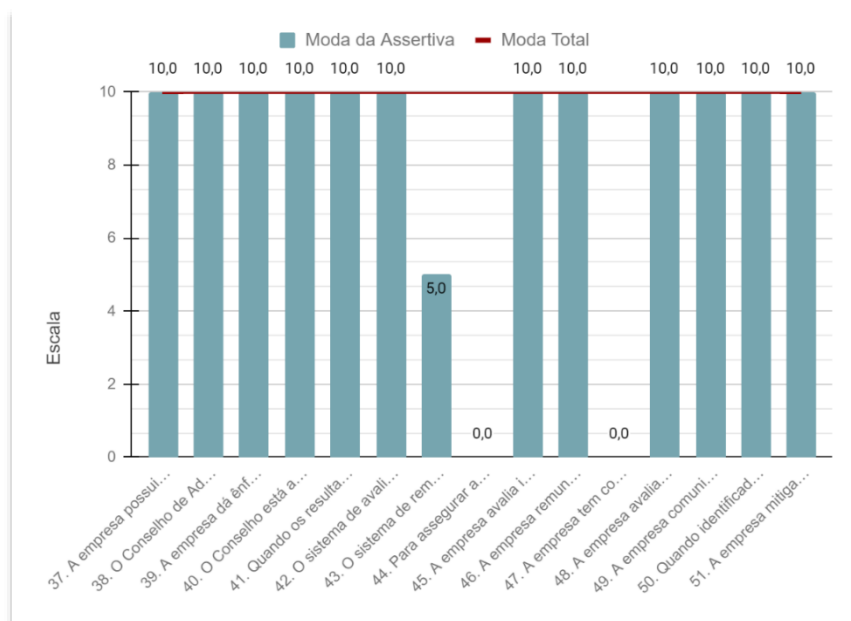
Analisando as assertivas com a menor média, tem-se a assertiva 44 e a 45 com médias iguais a 5,0 e 5,4. De acordo com a média da assertiva 44 - para assegurar a efetividade das medidas de remuneração, os benefícios oferecidos pelo bom desempenho socioambiental são motivadores comparados com aqueles ligados ao desempenho econômico/financeiro – vê-se um baixo grau de concordância. Diante disso, as empresas podem não ter benefícios relacionados ao desempenho socioambientais. Porém, percebe-se que diversas empresas estão introduzindo esse resultado em suas remunerações variáveis. A Natura, por exemplo, associou as emissões de carbono relacionada as embalagens com suas emissões totais, o que impacta a remuneração variável de toda a empresa (NATURA, 2020). A Suzano atrelou a remuneração variável da diretoria e gerência ao desenvolvimento e resultado das Metas de Longo Prazo que incluem, por exemplo a meta de até 2030 ofertar 10 milhões de toneladas de produtos de origem renovável que substituam plásticos e derivados do petróleo (SUZANO, 2020). As Lojas Americanas também atrelaram a remuneração variável de cargos desde a coordenação até o CEO aos esforços para o combate às mudanças climáticas (LOJAS AMERICANAS, 2020).

Agora de acordo com a média de 5,4 da assertiva 45 - A empresa avalia implicações financeiras e outros riscos e oportunidades devido às mudanças climáticas, compliance ambiental e indicadores de sustentabilidade -, percebe-se que a prática é pouco disseminada entre as empresas respondentes. Porém, algumas empresas já possuem políticas e equipes responsáveis por analisar riscos e oportunidades relacionados ao desenvolvimento sustentável. Em 2019, as Lojas

Renner (LOJAS RENNER S.A., 2021) realizaram um trabalho de identificação de riscos, oportunidades e medidas de adaptação frente às mudanças climáticas, considerando a realidade da empresa e as especificidades do setor varejista para os próximos 30 anos. A partir dos resultados, a empresa está montando um plano para mitigação desses riscos. As Lojas Americanas, por exemplo, possuem uma diretoria exclusiva de sustentabilidade que dentre várias ações fazem a gestão de riscos e oportunidades das mudanças climáticas (LOJAS AMERICANAS, 2021) Já a Natura, relata que métricas relacionadas às mudanças climáticas são aliadas para todos os projetos de P&D, que utiliza a calculadora de impacto para ajudar na escolha de materiais e ingredientes para minimizar riscos e identificar as melhores oportunidades tanto financeiras quanto socioambientais (NATURA, 2020).

Olhando para as assertivas com os melhores resultados, tem-se que as assertivas 37 e 50 tiveram o maior grau de concordância sendo 7,8 e 8,2 as médias delas respectivamente. Sendo assim, vê-se que as possuem compromisso com a geração de valor aos acionistas e quando identificam incidentes confirmados de corrupção medidas são imediatamente tomadas. Duas práticas bastante importantes para uma boa governança dentro da empresa.

Figura 23: Moda das Assertivas Relacionadas ao pilar “G”

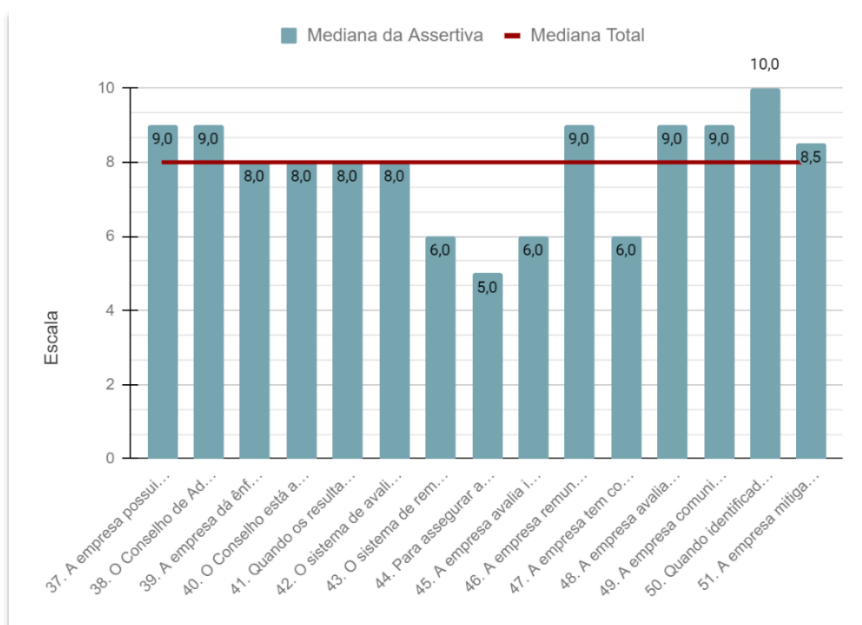


Fonte: Própria



Em relação à moda das assertivas do pilar de governança, observa-se a presença de dois resultados de extremos opostos também – 10 e 0. Com exceção das assertivas 44 e 47 que a mediana foi igual 0 e a assertiva 43 com mediana 5, a mediana de todas as outras assertivas foram iguais a 10. Deixando a mediana total também igual a 10. Sendo assim, vê-se que muitas empresas apresentavam total grau de conformidade com várias assertivas.

Figura 24: Mediana das Assertivas Relacionadas ao pilar “G”



Fonte: Própria

Analisando a mediana das assertivas do âmbito de governança corporativa vê-se que as medianas também variaram de assertiva para assertiva. A mediana total do pilar “G” também ficou igual a 8 – igual no pilar social. Um valor alto, pensando que metade das notas ficaram acima de 8 e a outra metade abaixo de 8.

Tabela 5: Quantidade de Respostas de acordo com o nível de concordância do pilar “G”

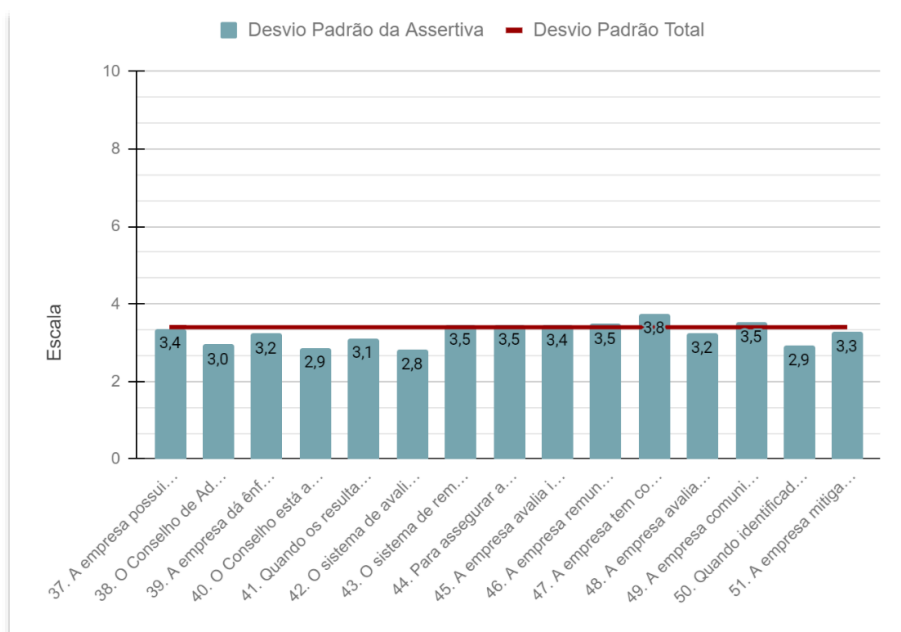
Nível de Concordância	Quantidade de Respostas
10	390
9	117
8	179
7	97

6	71
5	101
4	15
3	26
2	33
1	38
0	133

Fonte: Própria

Pela Tabela 5 conseguimos ter uma melhor visualização da quantidade de respostas em relação ao grau de conformidade. É possível perceber um grande volume de notas concentradas no grau de conformidade 10 e uma melhor distribuição das notas nos outros graus de conformidade. Sendo 10 o grau de conformidade mais presente – análise também observada na moda.

Figura 25: Desvio Padrão das Assertivas Relacionadas ao pilar “G”



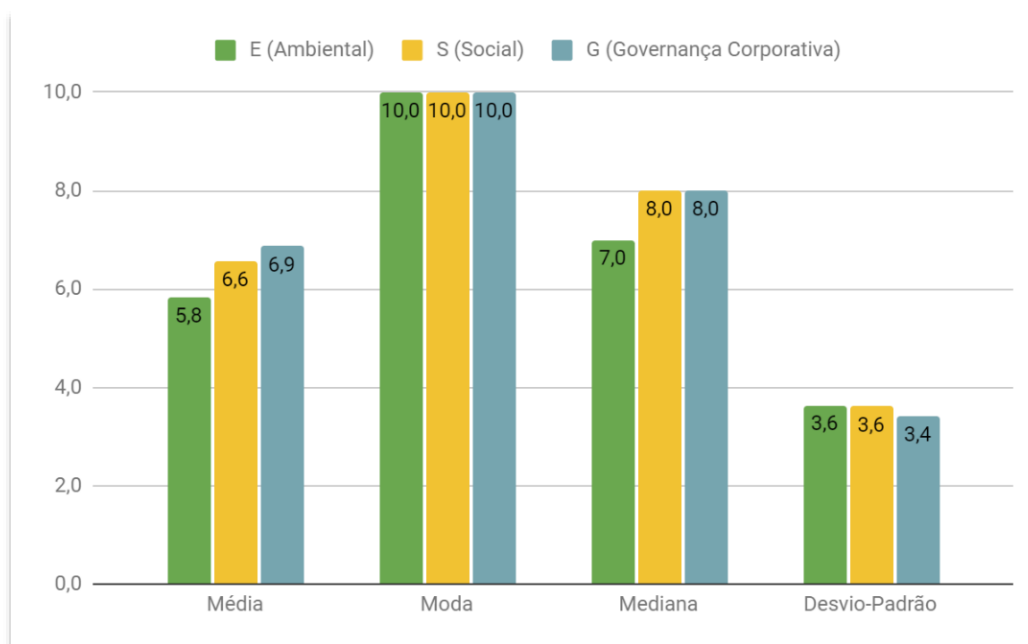
Fonte: Própria

Em relação ao desvio padrão observa-se que os desvios padrões de todas as assertivas ficaram relativamente parecidos variando entre 2,8 e 3,8. Além disso, o desvio padrão total de todas as notas foi igual a 3,4, um menor valor em comparação com os pilares “E” e “S”, porém ainda alto pensando em uma amostra de 0 a 10 com 3,4 variando em relação à média - que no caso do pilar “G” foi igual

a 6,9. Percebe-se uma menor variação na assertiva 42 - O sistema de avaliação do desempenho de administradores e demais gestores apresenta alinhamento entre a estratégia empresarial, metas de curto, médio e longo prazos e a remuneração - sendo assim os graus de concordância das empresas com a prática 42 tenderam a ser mais parecidos. Já em relação à assertiva com maior desvio padrão tem se a assertiva 47 - A empresa tem compromisso com a proporção da gerência contratada na comunidade local e com a equidade de gênero – com 3,8 de desvio padrão.

### 5.5. Considerações Finais

Figura 26: Resumo da Média, Moda, Mediana e Desvio Padrão de cada pilar ESG



Fonte: Própria

O grau de conformidade médio com as assertivas relacionadas aos pilares “E”, “S” e “G” foram respectivamente 5,8, 6,6, e 6,9, ou seja, percebe-se que as empresas da amostra da pesquisa em questão possuem boas práticas ESG dentro de suas empresas, uma vez que as médias das três esferas ficaram bem parecidas e relativamente acima da “média” também. Além disso, percebe-se uma maturidade um pouco maior com práticas de governança corporativa dentro das empresas da

amostra tendo em vista que este teve a maior média, em comparação com os outros dois pilares. Entretanto, é importante também analisar o desvio-padrão da amostra. Apesar de apresentar o menor desvio padrão, é possível notar que a amostra no geral apresentou grande variação, ou seja, os graus de conformidade variaram bastante de empresa para empresa e a amostra foi pouco homogênea variando bastante também da média. Percebe-se também uma grande quantidade de notas 10 e 0, deixando a amostra bastante discrepante. Sendo assim, nota-se que dentro da amostra existem empresas com maturidades de práticas ESG bem superiores à outras empresas e vice-versa.

Comparando a pesquisa em questão com a análise de ESG feita por QUIRÓS et al. (2018) percebe-se uma divergência nos resultados encontrados. No estudo de QUIRÓS et al. (2018) das três esferas ESG, o pilar social teve a maior pontuação média do grupo de empresas, seguido do pilar ambiental e, por fim, o pilar de governança, que, ao contrário dos dois anteriores, foi o único com pontuação geral anual abaixo de 50 pontos, indicando que a governança corporativa é um ponto fraco das empresas brasileiras, o que foi totalmente diferente do encontrando pela nossa amostra. Essa divergência é interessante e permitem diversas reflexões serem feitas. Primeiro que o termo “Governança Corporativa” ainda é bastante recente, pensar que antes de ESG ele ainda não tinha sido apresentado como um pilar único. Como por exemplo, o *Triple Bottom Line* que já difundia os princípios ambientais e sociais, mas não possuía uma categoria única para governança como visto anteriormente na revisão teórica. Sendo assim, a pesquisa pode ter sido de certa forma enviesada pelo fato de os respondentes não possuírem total domínio do conceito, fazendo-se eles superestimarem suas práticas e ações dentro de suas empresas. Ademais, o desvio padrão chama bastante atenção, o que pode ter sido influenciado pois você tem diferentes empresas dentro de uma mesma amostra. A pesquisa de certa forma contempla empresas de grande porte que podem estar inclusive listadas na bolsa também e pequenas empresas com faturamento, atuação e número de funcionários bem menores. No estudo de QUIRÓS et al. (2018) essa amostra já é um pouco mais segmentada no sentido que o estudo contempla apenas empresas listadas na bolsa. Para o presente estudo não foi feito nenhum tipo de segmentação em relação ao faturamento, setor de atuação ou número de funcionários por exemplo, por conta

do tamanho da amostra. O que indica uma certa limitação da pesquisa por analisar em conjuntos empresas bastante diferentes.

Além disso, o termo ESG também é muito recente. Sendo assim, diversas pequenas empresas podem ter tido contato com o termo pela primeira vez respondendo a pesquisa em questão aplicada. Isso também pode ter contribuído para uma divergência nas respostas e uma possível maior ou menor concordância com a assertiva por uma falta de domínio no termo e no seu entendimento.

Outro ponto interessante a ser analisado em relação aos resultados da pesquisa é a questão do momento em que a pesquisa foi aplicada. Considerando que a pandemia da COVID-19 trouxe uma maior preocupação geral com as pessoas e a sociedade, o pilar “social” pode ter ficado supervalorizado sendo consequência de uma percepção geral de um maior nível de dedicação das empresas em relação a esse pilar, quando na verdade, as práticas e ações implementadas nas empresas foram muito mais momentâneas do que de fato algo intrínseco às empresas. Ademais, o fato de a pesquisa não ter identificado ou exigido certos níveis ou cargos dentro da empresa, é possível que a amostra contemple visões desde um gerente com muitos anos dentro de uma empresa até um colaborador que tenha acabado de entrar. Assim como é possível que especialistas de ESG tenha respondido a pesquisa. Essas diferentes vivências e visões com certeza também contribuíram para uma divergência nas percepções e nas notas dadas. Além disso, como não foi possível verificar se de fato a percepção dos respondentes condiz com as práticas das empresas em que trabalham, as conclusões e as análises presentes nesse estudo ficam limitadas às percepções desses respondentes.

As tabelas a seguir irão mostrar as assertivas com maiores e menores médias e menores e maiores desvio-padrão.

Tabela 6: Assertivas com as Maiores Médias

<b>Pilar</b>	<b>Nº da Assertiva</b>	<b>Média</b>	<b>Conteúdo</b>
Ambiental	3	7,3	A empresa controla multas e outras formas de sanções por não conformidade com leis e/ou regulamentos ambientais;
Social	27	8,5	A empresa coíbe casos de discriminação em suas instalações;

Governança	50	8,2	Quando identificados incidentes confirmados de corrupção medidas são imediatamente tomadas.
------------	----	-----	---

Fonte: Própria

Pela Tabela 6 é possível ver as assertivas com as maiores médias com base em cada pilar ESG.

Tabela 7: Assertivas com as Menores Médias

Pilar	Nº da Assertiva	Média	Conteúdo
Ambiental	11	4,5	A empresa tem políticas de implementação de modelos de economia circular (o princípio da EC é manter o maior tempo possível os materiais de um produto em uso, como reaproveitamento ou reciclagem na mesma ou em outra linha de produção, minimizando a produção de resíduos e a necessidade de novos recursos (Pinheiro et al., 2018).
Social	34	4,3	A empresa gerencia o número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas.
Governança	44	5,0	Para assegurar a efetividade das medidas de remuneração, os benefícios oferecidos pelo bom desempenho socioambiental são motivadores comparados com aqueles ligados ao desempenho econômico/financeiro.

Fonte: Própria

Pela Tabela 7 é possível ver as assertivas com as menores médias com base em cada pilar ESG.

Tabela 8: As assertivas com Menores Desvio-Padrão:

Pilar	Nº da Assertiva	Média	Desvio Padrão	Conteúdo
Ambiental	2	6,6	2,9	A empresa gerencia a natureza dos impactos diretos e indiretos significativos sobre a biodiversidade, sociedade e ambiente como um todo.
Social	27	8,5	2,7	A empresa coíbe casos de discriminação em suas instalações;

Governança	42	7,2	2,8	O sistema de avaliação do desempenho de administradores e demais gestores apresenta alinhamento entre a estratégia empresarial, metas de curto, médio e longo prazos e a remuneração.
------------	----	-----	-----	---

Fonte: Própria

Pela Tabela 8 é possível ver as assertivas com os maiores graus de concordância, ou seja, as assertivas com menores graus de dispersão entre as empresas respondentes com base em cada pilar ESG.

Tabela 9: Assertivas com os Maiores Desvio-Padrão:

Pilar	Nº da Assertiva	Média	Desvio Padrão	Conteúdo
Ambiental	6	5,9	3,9	A empresa gerencia o número e volume total de derramamentos de resíduos no meio ambiente.
Social	34	4,3	4,0	A empresa gerencia o número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas.
Governança	47	5,6	3,8	A empresa tem compromisso com a proporção da gerência contratada na comunidade local e com a equidade de gênero.

Fonte: Própria

Por fim, pela Tabela 9 é possível ver as assertivas com os menores graus de concordância, ou seja, as assertivas com os maiores graus de dispersão entre as empresas respondentes com base em cada pilar ESG.

## 6. CONCLUSÃO

Com base na revisão teórica presente neste estudo, percebe-se que as empresas estão cada vez mais conscientes de como podem e como devem contribuir para o desenvolvimento sustentável, gerindo as suas operações de modo a consolidar o crescimento económico e aumentar a competitividade, ao mesmo tempo que asseguram a defesa do ambiente e promovem o comportamento ético e socialmente responsável. Essa consciência não limitada às empresas, mas abrangendo também a sociedade e os investidores têm elevado a necessidade dos empresários em adotar práticas ESG e divulgá-las ao público. E apesar de ser um

tema e uma necessidade antiga, apenas recentemente ele ganhou maiores repercussões principalmente pela popularidade do termo ESG. Entretanto ainda existem poucos estudos trazendo análises do cenário das empresas brasileiras em relação às práticas ESG.

Pelo presente estudo foi possível observar que empresas brasileiras participantes no geral apresentam mais práticas e maturidade em relação ao pilar de governança, seguida do pilar social e por última do pilar ambiental. Apesar disso, as médias das respostas de cada pilar ficaram bem parecidas, com o grau de conformidade média das assertivas sendo 6,9, 6,6 e 5,8 respectivamente. Viu-se uma grande variação nas respostas uma concentração maior de notas 10 e 0 em todas as respostas, mas com medianas acima de 7 no caso do pilar ambiental e 8 no caso dos pilares sociais e de governança. Dessa forma, conclui-se que o objetivo geral - Avaliar o grau de aderência das empresas brasileiras em relação às práticas de sustentabilidade no que diz respeito dos três principais pilares do ESG: ambiental, social e governança, a partir da percepção de profissionais que atuam nessas empresas. – foi plenamente concluído uma vez que foi possível analisar o grau de conformidade com cada uma das assertivas relacionadas aos pilares ESG com base na pesquisa aplicada. Além disso, os objetivos específicos também foram atingidos uma vez que as análises contemplaram todos os pontos listados nos objetivos específicos.

O presente estudo buscou ser pioneiro nessa análise - não limitada a empresas apenas listadas na bolsa de valores - para contribuir para os estudos acadêmicos relacionados ao entendimento da maturidade das empresas brasileiras em relação às práticas ESG. Apesar dessa contribuição, este estudo apresenta limitações que podem dar origem à futuras pesquisas. Examinou-se apenas a quantidade de dados provenientes da amostra do questionário aplicado - que foi extremamente pequena comparado à quantidade de empresas no Brasil. Dessa forma as análises e interpretações ficaram limitadas à amostra podendo poucas conclusões ou generalizações serem feitas. Além disso, como optou-se por uma pesquisa anônima, não foi possível verificar a veracidade das respostas. Ou seja, não foi possível verificar se de fato a percepção condiz com as práticas das empresas. Sendo assim, novamente é reforçado o fato de as conclusões presentes nesse estudo estarem limitadas às percepções dos respondentes.



Ademais, o desvio padrão chama bastante atenção, o que pode ter sido influenciado a pesquisa, já que o estudo contemplou em uma mesma análise empresas de diversos tamanhos e segmentos. E dado que ESG é um termo bastante recente não se sabe o nível de entendimento de cada respondente em relação às ideias por traz de cada pilar do ESG. Isso pode ter contribuído para certas divergências em relação às notas dadas para as assertivas.

Sendo assim, conforme a pesquisa é incrementada, o ideal seria realizar diversas segmentações das respostas com os diferentes tamanhos de empresas para comparar as respostas e verificar se as maturidades, em relação à cada pilar, se manteriam ou mudariam. Sendo assim, poderiam ser feitas mais análises com base no grau de exposição da empresa e sua possível presença na bolsa de valores ao segmentar por faturamento e/ou número de funcionários, por exemplo. Tornando as comparações com o estudo de QUIRÓS et al. (2018) mais precisas. Além disso, para futuros estudos, seria também interessante analisar o impacto da disseminação do termo, conforme ele vai se tornando mais popular, nas respostas e percepções. Diante disso, é possível perceber que o presente estudo permite uma série de análises complementares podendo ser feitas segmentações regionais que poderão apresentar diferentes resultados com base na propagação do conhecimento de ESG na região, por exemplo.

À medida que as empresas se familiarizam melhor com o termo ESG, incluem essas pautas em suas agendas, promovem ações de impacto positivo e divulgam melhor essas informações ao público externo, os pesquisadores devem se concentrar em tornar os dados de divulgação ESG comparáveis entre empresas e países. Esse trabalho é apenas um primeiro passo para futuras iniciativas para entender melhor o contexto brasileiro em relação às práticas ESG. Além disso, estudos como esse ajudam a monitorar o comprometimento das empresas com várias das ações de impacto da Agenda 2030.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABERJE. Assessoria de Imprensa Aberje. **KPMG: 85% das empresas pesquisadas elaboram relatórios de sustentabilidade.** [S. l.], 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/kpmg-85-das-empresas-pesquisadas-elaboram-relatorios-de-sustentabilidade/#:~:text=%E2%80%99CA%20mudan%C3%A7as%20clim%C3%A1tic>

as%20e%20emiss%C3%B5es,nem%20mesmo%20citados%20nos%20relat%C3%B3rios. Acesso em: 11 out. 2021.

ALLEN, I. Elaine; SEAMAN, Christopher A.. Likert scales and data analyses. **Quality progress**, v. 40, n. 7, p. 64-65, 2007.

ALSAYEGH, Maha Faisal; ABDUL RAHMAN, Rashidah; HOMAYOUN, Saeid. Corporate economic, environmental, and social sustainability performance transformation through ESG disclosure. **Sustainability**, v. 12, n. 9, p. 3910, 2020.

B3. **ISE B3 2022**: Raio-x das 46 empresas que compõem a carteira ISE B3 2022. [S. l.], 4 jan. 2022a. Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/noticias/ise-b3-2022.htm](https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/ise-b3-2022.htm). Acesso em: 15 mar. 2022.

B3. **ISEB3**: Carteiras e questionários. [S. l.], 4 jan. 2022b. Disponível em: <http://iseb3.com.br/carteiras-e-questionarios>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BARONI, Margaret. Ambigüidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista de administração de empresas**, v. 32, n. 2, p. 14-24, 1992.

BRÜSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1998.

BERTHELOT, Sylvie; CORMIER, Denis; MAGNAN, Michel. Environmental disclosure research: review and synthesis. **Journal of accounting literature**, v. 22, p. 1-44, 2003.

Bovespa, B. M. F. (2015). Metodologia do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). *Disponível na internet via URL: <http://iseb3.com.br/metodologia>*. Acesso em: 31 ago. 2021.

BALDINI, Maria et al. Role of country-and firm-level determinants in environmental, social, and governance disclosure. **Journal of Business Ethics**, v. 150, n. 1, p. 79-98, 2018.

VAN BELLEN, Hans Michael. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. FGV editora, 2005.

BROWN, Halina Szejnwald; DE JONG, Martin; LEVY, David L. Building institutions based on information disclosure: lessons from GRI's sustainability reporting. **Journal of cleaner production**, v. 17, n. 6, p. 571-580, 2009.

BASSETTO, Luci Ines. A incorporação da responsabilidade social e sustentabilidade: um estudo baseado no relatório de gestão 2005 da companhia paranaense de energia-COPEL. **Gestão & Produção**, v. 17, n. 3, p. 639-651, 2010.

BILLIO, Monica et al. Inside the ESG Ratings:(Dis) agreement and performance. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 28, n. 5, p. 1426-1445, 2021.

BORGERS, Natacha; SIKKEL, Dirk; HOX, Joop. Response effects in surveys on children and adolescents: The effect of number of response options, negative wording, and neutral mid-point. **Quality and Quantity**, v. 38, n. 1, p. 17-33, 2004.

COSTA, Edwaldo; FERREZIN, Nataly Bueno. ESG (Environmental, Social and Corporate Governance) e a comunicação: o tripé da sustentabilidade aplicado às organizações globalizadas. **Revista Alterjor**, v. 24, n. 2, p. 79-95, 2021.

CRESWELL, John W. et al. Advanced mixed methods research designs. **Handbook of mixed methods in social and behavioral research**, v. 209, n. 240, p. 209-240, 2003.

CUCARI, Nicola; ESPOSITO DE FALCO, Salvatore; ORLANDO, Beatrice. Diversity of board of directors and environmental social governance: Evidence from Italian listed companies. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 25, n. 3, p. 250-266, 2018.

CUMMINS, Robert A.; GULLONE, Eleonora. Why we should not use 5-point Likert scales: The case for subjective quality of life measurement. In: **Proceedings, second international conference on quality of life in cities**. 2000. p. 74-93.

ELKINGTON, John. Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business. **Environmental quality management**, v. 8, n. 1, p. 37-51, 1998.

ELZAHAR, Hany et al. Economic consequences of key performance indicators' disclosure quality. **International Review of Financial Analysis**, v. 39, p. 96-112, 2015.

EBERLE, David; BERENS, Guido; LI, Ting. The impact of interactive corporate social responsibility communication on corporate reputation. **Journal of business ethics**, v. 118, n. 4, p. 731-746, 2013.

FATEMI, Ali; GLAUM, Martin; KAISER, Stefanie. ESG performance and firm value: The moderating role of disclosure. **Global Finance Journal**, v. 38, p. 45-64, 2018.

FREEMAN, R. Edward. Strategic management: A stakeholder approach. **Cambridge university press**, 2010.

FRIEDMAN, Milton. A theoretical framework for monetary analysis. **journal of Political Economy**, v. 78, n. 2, p. 193-238, 1970.

FTSE RUSSELL. **2018 STEP Change Report: FTSE Russell Stewardship, Transition and Engagement Program for Change**. [S. l.], 30 maio 2018. Disponível em: <https://www.ftserussell.com/research/2018-step-change-report-ftse-russell-stewardship-transition-and-engagement-program>. Acesso em: 4 out. 2021.

GRAY, Rob; MILNE, Markus. Sustainability reporting: who's kidding whom?. **Chartered Accountants Journal of New Zealand**, v. 81, n. 6, p. 66-70, 2002.

GALL, Meredith Damien; BORG, Walter R.; GALL, Joyce P. **Educational research: An introduction (8ª Edição)**. Person Publishing, 2007.

GARCIA, Alexandre Sanches; ORSATO, Renato J. Testing the institutional difference hypothesis: A study about environmental, social, governance, and financial performance. **Business Strategy and the Environment**, v. 29, n. 8, p. 3261-3272, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GUPTA, Shreekant; GOLDAR, Bishwanath. Do stock markets penalize environment-unfriendly behaviour? Evidence from India. **Ecological economics**, v. 52, n. 1, p. 81-95, 2005.

GOEL, Puneeta. Triple Bottom Line Reporting: An Analytical Approach for Corporate Sustainability. **Journal of Finance, Accounting & Management**, v. 1, n. 1, 2010.

GLOBAL REPORTING. The global standards for sustainability reporting. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.globalreporting.org/standards/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

GEISSDOERFER, Martin et al. The Circular Economy—A new sustainability paradigm?. **Journal of cleaner production**, v. 143, p. 757-768, 2017.

HARDING, Ronnie. Ecologically sustainable development: origins, implementation and challenges. **Desalination**, v. 187, n. 1-3, p. 229-239, 2006.

KOLLER, Tim; NUTTALL, Robin; HEINZ, Witold. Five ways that ESG creates value. **The McKinsey Quarterly**, 2019.

LOJAS AMERICANAS. **Relatório Anual 2020**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://ri.americanas.com/informacoes-aos-investidores/relatorio-anual/relatorio-anual-lasa/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HART, Stuart L. **O capitalismo na encruzilhada: as inúmeras oportunidades de negócios na solução dos problemas mais difíceis do mundo**. Bookman, 2006.

HAWN, Olga; CHATTERJI, Aaron K.; MITCHELL, Will. Do investors actually value sustainability? New evidence from investor reactions to the Dow Jones Sustainability Index (DJSI). **Strategic Management Journal**, v. 39, n. 4, p. 949-976, 2018.

HODGE, David R.; GILLESPIE, David F. Phrase completion scales: a better measurement approach than Likert scales?. **Journal of Social Service Research**, v. 33, n. 4, p. 1-12, 2007.

IOANNOU, Ioannis; SERAFEIM, George. What drives corporate social performance? The role of nation-level institutions. **Journal of International Business Studies**, v. 43, n. 9, p. 834-864, 2012.

ISE B3. O que é ISE B3? [S. l.], 2021. Disponível em: <http://iseb3.com.br/o-que-e-o-ise>. Acesso em: 25 ago. 2021.

KNEIPP, Jordana Marques et al. Gestão para a sustentabilidade em empresas do setor mineral. **Revista de Ciências da Administração**, v. 14, n. 33, p. 52-67, 2012.

LABUSCHAGNE, Carin; BRENT, Alan C.; VAN ERCK, Ron PG. Assessing the sustainability performances of industries. **Journal of cleaner production**, v. 13, n. 4, p. 373-385, 2005.

LEUNG, Shing-On. A comparison of psychometric properties and normality in 4-, 5-, 6-, and 11-point Likert scales. **Journal of Social Service Research**, v. 37, n. 4, p. 412-421, 2011.

LOJAS RENNER S.A. **Relatório Anual 2020**. [S. l.], 31 mar. 2021. Disponível em: <http://lojasrenner.mzweb.com.br/a-companhia/relatorio-anual/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

WU, Huiping; LEUNG, Shing-On. Can Likert scales be treated as interval scales?—A Simulation study. **Journal of Social Service Research**, v. 43, n. 4, p. 527-532, 2017.

MARTINS, G. D. A.; THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica. **São Paulo: Atlas**, p. 143-164, 2009.

MIRALLES-QUIRÓS, María Mar; MIRALLES-QUIRÓS, José Luis; VALENTE GONÇALVES, Luis Miguel. The value relevance of environmental, social, and governance performance: The Brazilian case. **Sustainability**, v. 10, n. 3, p. 574, 2018.

MOTA, Goreti; DINIS, Maria Alzira Pimenta. Responsabilidade social das empresas: novo modelo de gestão para o desenvolvimento sustentável. 2005.

MONEY, Kevin; SCHEPERS, Herman. Are CSR and corporate governance converging? A view from boardroom directors and company secretaries in FTSE100 companies in the UK. **Journal of General Management**, v. 33, n. 2, p. 1-11, 2007.

MONEVA, José M.; CUELLAR, Beatriz. The value relevance of financial and non-financial environmental reporting. **Environmental and Resource Economics**, v. 44, n. 3, p. 441-456, 2009.

NATURA. **Relatório Anual 2020**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.natura.co/pt/group/report/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ONDORO, Charles O. Measuring Organization Performance: From Balanced Scorecard to Balanced ESG Framework. 2015..

OS 10 PRINCÍPIOS. [S.l.], 2000. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/10-principios>. Acesso em: 30 ago. 2021.

ORSIOLLI, Thálita Anny Estefanuto; NOBRE, Farley Simon. Empreendedorismo sustentável e stakeholders fornecedores: criação de valores para o desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, p. 502-523, 2016.

PACTO GLOBAL (Rede Brasil) *et al.* **A evolução do ESG no Brasil**. [S. l.], abril 2021. Disponível em: <https://conteudos.stilingue.com.br/estudo-a-evolucao-do-esg-no-brasil>. Acesso em: 16 set. 2021.

PRINCÍPIOS PARA O INVESTIMENTO RESPONSÁVEL (PRI). **What are the Principles for Responsible Investment?**. [S. l.], 20---. Disponível em: <https://www.unpri.org/about-us/what-are-the-principles-for-responsible-investment>. Acesso em: 14 abr. 2022

PWC GLOBAL. **Beyond compliance: Consumers and employees want business to do more on ESG**: How business can close the expectations gap. [S. l.], junho 2021a. Disponível em: <https://www.pwc.com/us/en/services/consulting/library/consumer-intelligence-series/consumer-and-employee-esg-expectations.html>. Acesso em: 14 set. 2021.

PWC GLOBAL. **Embracing ESG transformation: How asset managers are leveraging regulation to drive value creation**. [S. l.], julho 2021b. Disponível em: <https://www.pwc.co.uk/industries/financial-services/insights/how-asset-managers-leveraging-regulation-to-drive-value-creation.html>. Acesso em: 14 set. 2021.

RAJESH, R.; RAJENDRAN, Chandrasekharan. Relating environmental, social, and governance scores and sustainability performances of firms: An empirical analysis. **Business Strategy and the Environment**, v. 29, n. 3, p. 1247-1267, 2020.

REVERTE, Carmelo. Determinants of corporate social responsibility disclosure ratings by Spanish listed firms. **Journal of business ethics**, v. 88, n. 2, p. 351-366, 2009.

DA ROCHA, Adilson Carlos et al. Gestão Sustentável da Cadeia de Suprimentos e Desempenho Inovador: um estudo multicase no setor mineral brasileiro. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 12, n. 2, p. 293-316, 2015.

SOLOMON, Jill Frances; SOLOMON, Aris. Private social, ethical and environmental disclosure. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, 2006.

S&P GLOBAL. **What is the “G” in ESG?**. [S. l.], 24 fev. 2020a. Disponível em: <https://www.spglobal.com/en/research-insights/articles/what-is-the-g-in-esg>. Acesso em: 5 out. 2021.

S&P GLOBAL. **What is the “S” in ESG?**. [S. l.], 24 fev. 2020b. Disponível em: <https://www.spglobal.com/en/research-insights/articles/what-is-the-s-in-esg>. Acesso em: 5 out. 2021.

S&P GLOBAL. **Environmental, Social, And Governance Evaluation Analytical Approach**. [S. l.], 15 dez. 2020c. Disponível em: <https://www.spglobal.com/ratings/en/research/pdf-articles/201215-environmental-social-and-governance-evaluation-analytical-approach-100048049#:~:text=S%26P%20Global%20Ratings'%20environmental%2C%20social,fi nancial%20impact%20on%20the%20entity>. Acesso em: 6 out. 2021.

S&P GLOBAL. **State of Green Business 2021 - The Big Picture**. [S. l.], 15 fev. 2021. Disponível em: <https://https://www.spglobal.com/marketintelligence/en/news-insights/blog/state-of-green-business-2021-the-big-picturewww.spglobal.com/ratings/en/research/pdf-articles/201215-environmental-social-and-governance-evaluation-analytical-approach-100048049#:~:text=S%26P%20Global%20Ratings'%20environmental%2C%20social,fi nancial%20impact%20on%20the%20entity>. Acesso em: 26 set. 2021.

STAHEL, Walter R. Sustainability and the performance economy. In: *The Performance Economy*. Palgrave Macmillan, London, 2010.

STROBEL, Juliana Scapulatempo et al. Modelo para mensuração da sustentabilidade corporativa através de indicadores. 2005.

SUZANO. **Relatório Suzano 2020**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://r2020.suzano.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

TAMIMI, Nabil; SEBASTIANELLI, Rose. Transparency among S&P 500 companies: An analysis of ESG disclosure scores. **Management Decision**, 2017.

USSIF *et al.* **Report on US Sustainable, Responsible and Impact Investing Trends**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.ussif.org/files/Trends/Trends%202018%20executive%20summary%20FIA L.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.

VIGNEAU, Laurence; HUMPHREYS, Michael; MOON, Jeremy. How do firms comply with international sustainability standards? Processes and consequences of adopting the global reporting initiative. **Journal of business ethics**, v. 131, n. 2, p. 469-486, 2015.

YOON, Bohyun; LEE, Jeong Hwan; BYUN, Ryan. Does ESG performance enhance firm value? Evidence from Korea. **Sustainability**, v. 10, n. 10, p. 3635, 2018.

ZHAO, Changhong et al. ESG and corporate financial performance: Empirical evidence from China's listed power generation companies. **Sustainability**, v. 10, n. 8, p. 2607, 2018.

## ANEXOS

Anexo I: Assertivas Relacionadas ao Pilar “E” .....	80
Anexo II: Assertivas Relacionadas ao Pilar “S” .....	81
Anexo III: Assertivas Relacionadas ao Pilar “G” .....	82
Anexo IV: Parte 1 do Questionário Aplicado no Estudo.....	83
Anexo V: Parte 2 do Questionário Aplicado no Estudo.....	90
Anexo VI: Parte 3 do Questionário Aplicado no Estudo.....	96
Anexo VII: Parte 4 do Questionário Aplicado no Estudo.....	98



## Anexo I: Assertivas Relacionadas ao Pilar “E”

Número	Assertiva
1	A empresa possui políticas de proteção dos recursos naturais.
2	A empresa gerencia a natureza dos impactos diretos e indiretos significativos sobre a biodiversidade, sociedade e ambiente como um todo.
3	A empresa controla multas e outras formas de sanções por não conformidade com leis e/ou regulamentos ambientais.
4	A empresa possui protocolos e padrões que orientam como interagir com a água, incluindo como e onde a água é retirada, consumida e descarregada.
5	A empresa monitora o volume total de descargas de água planejadas e não planejadas por destino.
6	A empresa gerencia o número e volume total de derramamentos de resíduos no meio ambiente.
7	A empresa adota medidas visando a redução das emissões de gases de efeito estufa e material particulado.
8	A empresa realiza a gestão de resíduos sólidos (considerando a periculosidade, incluindo lixo eletrônico) visando a diminuição do descarte.
9	A empresa controla a porcentagem de insumos reciclados usados para fabricar os seus principais produtos e serviços.
10	A empresa gerencia a porcentagem de produtos recuperados e seus materiais de embalagem para cada categoria de produto.
11	A empresa tem políticas de implementação de modelos de economia circular (o princípio da EC é manter o maior tempo possível os materiais de um produto em uso, como reaproveitamento ou reciclagem na mesma ou em outra linha de produção, minimizando a produção de resíduos e a necessidade de novos recursos (Pinheiro et al., 2018).
12	A empresa controla para cada local operacional próprio, alugado, administrado ou adjacente as áreas protegidas e áreas de alto valor de biodiversidade fora das áreas protegidas.
13	A empresa gerencia todas as áreas onde atua e o seu entorno considerando a manutenção e a proteção dos habitats e ecossistemas.
14	A empresa controla o consumo total de energia de fontes não renováveis, de fontes renováveis e consumo total de energia.
15	A empresa controla a quantidade de reduções no consumo de energia alcançadas como resultado direto de iniciativas de conservação e eficiência.

## Anexo II: Assertivas Relacionadas ao Pilar “S”

Número	Assertiva
16	A empresa controla o percentual do total de funcionários, por gênero e categoria funcional, que recebeu uma avaliação de desempenho e de desenvolvimento de carreira.
17	A empresa gerencia a porcentagem de indivíduos dentro dos órgãos de governança corporativa nas diversas categorias de diversidade.
18	A empresa gerencia a razão entre o salário base e a remuneração das mulheres e dos homens para cada categoria funcional.
19	A empresa gerencia o número total de empregados, taxa de novas contratações e taxa de rotatividades por faixa etária, gênero e região.
20	A empresa estimula a adoção de boas práticas socioambientais junto à cadeia de valor.
21	A empresa controla o número total e percentual de operações que foram sujeitas a análises de direitos humanos ou avaliações de impacto em direitos humanos.
22	A empresa controla o número total de incidentes de não conformidade com regulamentos e/ou critérios relativos a informações e rotulagem de produtos e serviços.
23	A empresa controla o número total de reclamações comprovadas recebidas relativas a violações de privacidade do cliente.
24	A empresa gerencia multas significativas e sanções não monetárias por não conformidade com leis e/ou regulamentos na área social e econômica.
25	A empresa desenvolve políticas de atração, retenção e desenvolvimento de talentos.
26	A empresa controla o número de fornecedores avaliados quanto aos impactos sociais e boas práticas socioambientais.
27	A empresa coíbe casos de discriminação em suas instalações.
28	A empresa possui políticas de melhoria da qualidade de vida para os seus colaboradores e a comunidade.
29	A empresa informa aos empregados e terceirizados sobre o sistema de gestão de saúde e segurança ocupacional implementado com base em requisitos legais e/ou normas/diretrizes reconhecidas.
30	A empresa controla o tipo, escopo e média de horas dos programas implementados, assistência fornecida e treinamentos para atualizar as habilidades dos empregados.
31	A empresa controla operações e fornecedores em que os direitos dos trabalhadores de exercer a liberdade de associação ou negociação coletiva podem ser violados ou estão em risco significativo.
32	A empresa controla operações e fornecedores considerados de risco significativo de incidentes de trabalho forçado em termos de tipo de operação (como planta de manufatura) e fornecedor e países ou áreas geográficas com operações e fornecedores considerados de risco.
33	A empresa controla operações e fornecedores considerados de risco significativo de incidentes de trabalho de jovens aprendizes e expostos a trabalhos perigosos/arriscados.
34	A empresa gerencia o número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas.
35	A empresa gerencia o número total de horas dedicadas a treinamento em políticas de direitos humanos ou procedimentos relativos a aspectos de direitos humanos relevantes para as operações.

36	A empresa gerencia o número total e percentual de acordos e contratos de investimentos significativos que incluem cláusulas de direitos humanos ou que foram submetidos a avaliações de direitos humanos.
----	---

### Anexo III: Assertivas Relacionadas ao Pilar “G”

Número	Assertiva
37	A empresa possui compromisso com a geração de valor para os acionistas.
38	O Conselho de Administração e o CEO estão cientes da importância estratégica da sustentabilidade, assegurando a liderança e o comprometimento com o tema na empresa.
39	A empresa dá ênfase à capacitação dos conselheiros de administração nos temas relevantes para a sustentabilidade na empresa.
40	O Conselho está atento às mudanças em curso no que diz respeito às responsabilidades da empresa, sócios e administradores inclusive na administração dos recursos dos investidores.
41	Quando os resultados compromissados pelos administradores e demais gestores são alcançados eles são reconhecidos/recompensados.
42	O sistema de avaliação do desempenho de administradores e demais gestores apresenta alinhamento entre a estratégia empresarial, metas de curto, médio e longo prazos e a remuneração.
43	O sistema de remuneração reflete o grau de inserção da sustentabilidade nas definições institucionais e sua relação com a estratégia de negócios, processos operacionais e indicadores.
44	Para assegurar a efetividade das medidas de remuneração, os benefícios oferecidos pelo bom desempenho socioambiental são motivadores comparados com aqueles ligados ao desempenho econômico/financeiro.
45	A empresa avalia implicações financeiras e outros riscos e oportunidades devido às mudanças climáticas, compliance ambiental e indicadores de sustentabilidade.
46	A empresa remunera os executivos de acordo com o mercado sem distinção de gênero, origem, credo, cultura e orientação sexual.
47	A empresa tem compromisso com a proporção da gerência contratada na comunidade local e com a equidade de gênero.
48	A empresa avalia as operações quanto aos riscos relacionados à corrupção.
49	A empresa comunica e treina os colaboradores sobre políticas e procedimentos anticorrupção.
50	Quando identificados incidentes confirmados de corrupção medidas são imediatamente tomadas.
51	A empresa mitiga os riscos de ações judiciais por comportamento anticompetitivo, práticas antitruste e de monopólio.

## Anexo IV: Parte 1 do Questionário Aplicado no Estudo

### ESG como suporte da sustentabilidade: o contexto brasileiro

A necessidade da adoção de boas práticas de sustentabilidade e as oportunidades de negócios estão se unindo para transformar a maneira como as empresas desenvolvem estratégias, impulsionam a performance e relatam resultados. As responsabilidades social, ambiental e a governança vêm alterando o modo como os negócios são conduzidos e as decisões de investimento são tomadas.

O objetivo do presente estudo é avaliar o grau de maturidade das empresas que atuam no Brasil em relação às boas práticas de sustentabilidade associadas a aspectos ambientais, sociais e de governança corporativa.

Depois de responder sobre o perfil da empresa você deverá analisar cada uma das assertivas apresentadas e refletir sobre o grau de conformidade/concordância da assertiva com as práticas adotadas na empresa em que atua. Se a proposição estiver plenamente de acordo com o que é realizado na empresa por gentileza assinale [10]. Se o grau de conformidade for nenhum assinale [0]. Se o grau de conformidade for muito baixo assinale [1] e assim sucessivamente, qualquer número inteiro em uma escala de 0 (zero) a 10 (dez).

Ressalta-se que por se tratar de trabalho de natureza acadêmica, as informações serão utilizadas apenas para esta finalidade. Não há necessidade de você se identificar nem a empresa já que as informações serão analisadas em termos globais.

Muito obrigado pela colaboração!

#### Controle da empresa \*

- 1. Privado nacional
- 2. Público
- 3. Estatal/Economia Mista
- 4. Estrangeiro

#### Atividade principal da empresa \*

- 1. Agropecuária
- 2. Comércio
- 3. Construção Civil
- 4. Indústria
- 5. Serviços

Número de empregados \*

- 1. Até 9 empregados
- 2. De 10 a 19 empregados
- 3. De 20 a 99 empregados
- 4. De 100 a 499 empregados
- 5. Mais de 500 empregados

Região da sede da empresa no Brasil \*

- 1. Centro-Oeste
- 2. Norte
- 3. Nordeste
- 4. Sudeste
- 5. Sul

Receita operacional bruta anual \*

- 1. Menor ou igual a R\$ 360 mil
- 2. Maior que R\$ 360 mil e menor ou igual a R\$ 4,8 milhões
- 3. Maior que R\$ 4,8 milhões e menor ou igual a R\$ 300 milhões
- 4. Maior que R\$ 300 milhões

Mercados atendidos pela empresa \*

- 1. Nacional
- 2. Externo
- 3. Ambos

A empresa possui engajamento com práticas de Responsabilidade Social Empresarial (ISO 26000, UN Global Compact, AccountAbility's AA1000, Diretrizes OCDE ou similares)? \*

- 1. Sim
- 2. Não

A empresa possui ou está em processo de certificação ISO 9001? \*

- 1. Sim
- 2. Não

A empresa possui ou está em processo de certificação ISO 14001? \*

- 1. Sim
- 2. Não

## Anexo V: Parte 2 do Questionário Aplicado no Estudo

A empresa possui políticas de proteção dos recursos naturais. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia a natureza dos impactos diretos e indiretos significativos sobre a biodiversidade, sociedade e ambiente como um todo. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa controla multas e outras formas de sanções por não conformidade com leis e/ou regulamentos ambientais. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa possui protocolos e padrões que orientam como interagir com a água, incluindo como e onde a água é retirada, consumida e descarregada. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa monitora o volume total de descargas de água planejadas e não planejadas por destino. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa gerencia o número e volume total de derramamentos de resíduos no meio ambiente. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa adota medidas visando a redução das emissões de gases de efeito estufa e material particulado. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa realiza a gestão de resíduos sólidos (considerando a periculosidade, incluindo lixo eletrônico) visando a diminuição do descarte. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10



A empresa controla a percentagem de insumos reciclados usados para fabricar os seus principais produtos e serviços. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia a percentagem de produtos recuperados e seus materiais de embalagem para cada categoria de produto. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa tem políticas de implementação de modelos de economia circular (o princípio da EC é manter o maior tempo possível os materiais de um produto em uso, como reaproveitamento ou reciclagem na mesma ou em outra linha de produção, minimizando a produção de resíduos e a necessidade de novos recursos (Pinheiro et al., 2018). \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa controla para cada local operacional próprio, alugado, administrado ou adjacente as áreas protegidas e áreas de alto valor de biodiversidade fora das áreas protegidas. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia todas as áreas onde atua e o seu entorno considerando a manutenção e a proteção dos habitats e ecossistemas. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o consumo total de energia de fontes não renováveis, de fontes renováveis e consumo total de energia. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla a quantidade de reduções no consumo de energia alcançadas como resultado direto de iniciativas de conservação e eficiência. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

## Anexo VI: Parte 3 do Questionário Aplicado no Estudo

A empresa controla o percentual do total de funcionários, por gênero e categoria funcional, que recebeu uma avaliação de desempenho e de desenvolvimento de carreira. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia a porcentagem de indivíduos dentro dos órgãos de governança corporativa nas diversas categorias de diversidade. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia a razão entre o salário base e a remuneração das mulheres e dos homens para cada categoria funcional. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa gerencia o número total de empregados, taxa de novas contratações e taxa de rotatividades por faixa etária, gênero e região. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa estimula a adoção de boas práticas socioambientais junto à cadeia de valor. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o número total e percentual de operações que foram sujeitas a análises de direitos humanos ou avaliações de impacto em direitos humanos. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o número total de incidentes de não conformidade com regulamentos e/ou critérios relativos a informações e rotulagem de produtos e serviços. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o número total de reclamações comprovadas recebidas relativas a violações de privacidade do cliente. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa gerencia muitas significativas e sanções não monetárias por não conformidade com leis e/ou regulamentos na área social e econômica. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa desenvolve políticas de atração, retenção e desenvolvimento de talentos. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o número de fornecedores avaliados quanto aos impactos sociais e boas práticas socioambientais. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa coíbe casos de discriminação em suas instalações. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa possui políticas de melhoria da qualidade de vida para os seus colaboradores e a comunidade. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa informa aos empregados e terceirizados sobre o sistema de gestão de saúde e segurança ocupacional implementado com base em requisitos legais e/ou normas/diretrizes reconhecidas. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla o tipo, escopo e média de horas dos programas implementados, assistência fornecida e treinamentos para atualizar as habilidades dos empregados. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla operações e fornecedores em que os direitos dos trabalhadores de exercer a liberdade de associação ou negociação coletiva podem ser violados ou estão em risco significativo. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla operações e fornecedores considerados de risco significativo de incidentes de trabalho forçado em termos de tipo de operação (como planta de manufatura) e fornecedor e países ou áreas geográficas com operações e fornecedores considerados de risco. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa controla operações e fornecedores considerados de risco significativo de incidentes de trabalho de jovens aprendizes e expostos à trabalhos perigosos/arriscados. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa gerencia o número total de incidentes identificados de violação de direitos dos povos indígenas. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa gerencia o número total de horas dedicadas a treinamento em políticas de direitos humanos ou procedimentos relativos a aspectos de direitos humanos relevantes para as operações. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa gerencia o número total e percentual de acordos e contratos de investimentos significativos que incluem cláusulas de direitos humanos ou que foram submetidos a avaliações de direitos humanos. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



## Anexo VII: Parte 4 do Questionário Aplicado no Estudo

A empresa possui compromisso com a geração de valor para os acionistas. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O Conselho de Administração e o CEO estão cientes da importância estratégica da sustentabilidade, assegurando a liderança e o comprometimento com o tema na empresa. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A empresa dá ênfase à capacitação dos conselheiros de administração nos temas relevantes para a sustentabilidade na empresa. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O Conselho está atento às mudanças em curso no que diz respeito às responsabilidades da empresa, sócios e administradores inclusive na administração dos recursos dos investidores. \*

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quando os resultados compromissados pelos administradores e demais gestores são alcançados eles são reconhecidos/recompensados. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

O sistema de avaliação do desempenho de administradores e demais gestores apresenta alinhamento entre a estratégia empresarial, metas de curto, médio e longo prazos e a remuneração. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

O sistema de remuneração reflete o grau de inserção da sustentabilidade nas definições institucionais e sua relação com a estratégia de negócios, processos operacionais e indicadores. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Para assegurar a efetividade das medidas de remuneração, os benefícios oferecidos pelo bom desempenho socioambiental são motivadores comparados com aqueles ligados ao desempenho econômico/financeiro. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa avalia implicações financeiras e outros riscos e oportunidades devido às mudanças climáticas, compliance ambiental e indicadores de sustentabilidade. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa remunera os executivos de acordo com o mercado sem distinção de gênero, origem, credo, cultura e orientação sexual. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa tem compromisso com a proporção da gerência contratada na comunidade local e com a equidade de gênero. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa avalia as operações quanto aos riscos relacionados à corrupção. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa comunica e treina os colaboradores sobre políticas e procedimentos anticorrupção. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Quando identificados incidentes confirmados de corrupção medidas são imediatamente tomadas. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A empresa mitiga os riscos de ações judiciais por comportamento anticompetitivo, práticas antitruste e de monopólio. \*

0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10